

# DO PARTIDO DAS SOMBRAS AO GOVERNO CLANDESTINO

DAVID HOROWITZ  
& JOHN PERAZZO



  
ARMADA

*Analisando os processos de evolução do poder na sociedade ocidental, Bertrand de Jouvenel já alertava para o fato de que a fusão do comando político ao econômico resultaria num Imperium absoluto, cuja autoridade seria exercida sobre um povo ao mesmo tempo súdito, crente e operário, que recebe do soberano, distante e impessoal, suas instruções, sua fé e seu pão.*

*A obra que você tem em mãos desvela a materialização – em plena América – do pesadelo totalitário vaticinado por Jouvenel, façanha obtida por George Soros e seus asseclas com empenho tenaz, recursos ilimitados e, acima de tudo, completa ausência de escrúpulos. Da usurpação do Partido Democrata à subversão do processo eleitoral, do ativismo profissional à radicalização das tensões sociais, da erradicação da dissidência à tentativa de regulamentação do discurso político, tudo converge para a obtenção do poder absoluto. A própria estrutura do Estado é colocada a serviço de uma agenda de reengenharia social que, nas palavras dos autores, “está em guerra com a economia de livre mercado e o sistema político baseado na liberdade e nos direitos individuais há mais de duzentos anos”.*

*Se o projeto de “mudar radicalmente a América” foi devastador num país de instituições tão sólidas e com tamanha tradição no culto das liberdades individuais, o que estará reservado ao Brasil, alvo inerte da rapinagem desses mesmos agentes? Eis a importância deste livro: mais do que registro histórico, suas lições são um verdadeiro*

*clarão a dissipar as sombras do despotismo que rondam a Nação.*

DIEGO PESSI

Promotor de Justiça do estado do RS

Coordenador pedagógico do Burke

Instituto Conservador

Coautor de *Bandidolatria e democídio*

(Armada, 2017)

**DO PARTIDO  
D A S S O M B R A S  
AO GOVERNO  
C L A N D E S T I N O**



**DAVID HOROWITZ  
& JOHN PERAZZO**

**DO PARTIDO  
DAS SOMBRAS**

**AO GOVERNO  
CLANDESTINO**



Copyright 2010 © David Horowitz & John Perazzo

Copyright 2018 © Tradutores de Direita/Armada

TÍTULO ORIGINAL: *From Shadow Party to Shadow Government: George Soros and the Effort to Radically Change America.*

EDITORES: *André Assi Barreto e Márcio Scansani*

EDITOR ASSISTENTE: *Moacyr Francisco*

CAPA: *Sônia Butie/Spres*

CRÉDITO DE IMAGENS: *Rogério Salgado/Spres*

TRADUÇÃO: *Rodrigo Carmo*

EDIÇÃO DE TEXTO: *André Assi Barreto*

REVISÕES: *André Assi Barreto, Moacyr Francisco e Márcio Scansani*

DISTRIBUIÇÃO: CEDET *Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico*

PRODUÇÃO EPUB: *ArmazémCultural*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

---

Horowitz, David, 1939-

Do partido das sombras ao governo clandestino / David Horowitz  
e John Perazzo; tradução de Rodrigo Carmo / Tradutores  
de Direita. — Santo André, SP: Armada, 2018.  
136 p.

ISBN: 978-85-54969-03-5

Título original: From shadow party to shadow government  
George Soros and the Effort to Radically Change America.

1. Política internacional 2. Geopolítica 3. Globalização

I. Perazzo, John II. Tradutores de Direita III. Título

---

18-1363

CDD-327.1

índices para catálogo sistemático:

## 1. Política internacional: Globalização

Este livro segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde 1/1/2009.

Vedada a reprodução desta obra por qualquer meio e sob qualquer forma, sem a autorização expressa e por escrito da editora.

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

Armada Oficina de Textos, Editora e Livraria Ltda.

Rua das Aroeiras, 73, Santo André – SP – 09090-000



# Sumário

Apresentação dos editores

Apresentação dos "Tradutores de Direita"

Prefácio, por Flávio Gordon

George Soros e a tentativa de mudar radicalmente a América

O Bilionário Filantropo

A Reforma do Financiamento de Campanha e a Criação do Partido das Sombras

A Primeira Eleição: 2004

2º Round: A Aliança Democrata

Radicalizando a América, Um Partido e Um Estado por vez

Soros e Obama

O Partido das Sombras na Casa Branca

Estimulo

Meio Ambiente e Energia

Assistência Médica

Punindo Israel

Conclusão

# APRESENTAÇÃO DOS EDITORES

**H**á aproximadamente dois anos, quando iniciamos o projeto que viria a ser a Armada, Márcia Xavier de Brito, uma das mais conceituadas tradutoras do Brasil e eu, Márcio Scansani, a concebemos para ser uma peça de combate” na guerra cultural que já corria solta, mas ainda um tanto discreta, com várias editoras já bem posicionadas, todas competentes e publicando títulos urgentes e necessários. A galera veneziana usada em nosso logotipo não está ali apenas como enfeite. Evidentemente sabíamos de nosso tamanho ínfimo e que nada seria fácil, mas a concebemos para ser um tanto diferente dos *players* tradicionais, inclusive por termos a predisposição no DNA a dar voz a autores até então desconhecidos, mas com enorme cultura e integridade intelectual, ignorados por editoras maiores.

Em pouco tempo, a Armada passou a contar na área editorial e na comunicação conceitual, respectivamente, com o suporte luxuoso de jovens talentos, o André Assi Barreto e a Anna Laura Scansani, e logo em seguida, com a ajuda imprescindível de um culto, simpático e bem-humorado advogado e comentarista cultural, o mineiro Sileno Guimarães, e em seguida com a competência e atenção do revisor Moacyr Francisco.

Muito bem, já tínhamos uma equipe! – apesar de a Márcia ter sido obrigada a se afastar do que até então era um projeto, seguimos sozinhos, revelando autores de peso como Diego Pessi e Leonardo Giardin de Souza em *Bandidolatria e democídio* e Rogério Silva Araujo em *História depredada*, ou trazendo ao mercado editorial nomes já conhecidos pela *Internet* como o comentarista político Paulo de Oliveira Eneas, com *Geopolítica contemporânea* ou o medievalista Ricardo da Costa com seu *Impressões da Idade Média*, todos ao lado de autores já consagrados como Santo Tomás de Aquino em tradução do mestre Carlos Nougué para *Do Reino e outros escritos* e Adolpho Lindenberg com *Uma visão cristã da economia de mercado* ou resgatados do limbo, como Stefan Baciú com seu profético e subvalorizado *Cortina de ferro sobre Cuba*. E vem mais por aí: no momento do fechamento desse texto está sendo lançado em Salvador o *Nadando contra a corrente*, de Bernardo Guimarães Ribeiro.

Esta apresentação pode parecer um tanto arrogante – mas creiam, ela é apenas um resumo de *o que somos e para que servimos*. Ainda que seja desnecessário dizer o quanto nos honra ser a primeira editora a trazer aos leitores a primeira obra política do gigante americano David Horowitz, em parceria com John Perazzo, obra pequena e, no entanto, de enorme objetividade, estendemos ao grupo *Tradutores de Direita*, a quem nos associamos para esta publicação pela sua já histórica competência em trazer autores conservadores para o português, porque sabemos que compartilham do nosso espírito combativo, e ainda, aos demais autores de textos complementares, mas principalmente a todos os leitores que puserem os olhos nesta pequena obra-prima, nossos efusivos agradecimentos.

Cabe ainda dizer que esta obra tem três espécies de notas: do próprio autor, do tradutor e dos editores, bem como informar que todos os acessos aos *sites* indicados foram feitos entre 4 e 6 de julho de 2018.

E vamos para a luta. Boa leitura!

ANDRÉ ASSI BARRETO

MÁRCIO SCANSANI

EDITORES

Santo André, maio de 2018

# APRESENTAÇÃO

## "TRADUTORES DE DIREITA"

A primeira coisa que se pode dizer a respeito deste livro é que ele chega em um momento propício. Hoje em dia, não é mais possível negar o óbvio: os grandes veículos de mídia estão entre os maiores estelionatários da história. Qualquer pessoa com um mínimo de capacidade de compreender a realidade sabe que o tal "jornalismo isento" é apenas uma ilusão e que as ideologias pessoais sempre se farão presentes, de um modo ou de outro. Porém, o que antes era uma espécie de "zona cinza" tornou-se um buraco negro e a elite jornalística alçou-se ao *status* de mensageira inquestionável da verdade. Há anos, somos atacados com edições tendenciosas e técnicas de manipulação psicológica, sem a mínima possibilidade de discussão.

Diante deste cenário enlouquecedor surgiu o nosso grupo "Tradutores de Direita". De um pequeno grupo virtual a uma comunidade internacional de colaboradores, este grupo tem conquistado o seu público por um motivo apenas: o esforço de trazer para o Brasil opiniões e narrativas que são proibidas pelo cartel que domina os grandes veículos de mídia, composto de diversas facções de esquerda, grupos subservientes ao poder oficialmente instituído e jornalistas de aluguel. Hoje, damos finalmente um novo e muito desejado passo nesta nova jornada, trazendo para o mercado editorial brasileiro o trabalho de David Horowitz, que é um dos maiores

nomes do ativismo conservador nos Estados Unidos e que tem sido rigorosamente ignorado em nosso país, apesar de termos diversas coisas a aprender com a sua experiência e com o impacto histórico de suas ações.

Neste livro, escrito após a primeira eleição de Obama, Horowitz explica como o *deep-state* é a verdadeira estrutura de poder permanente no governo dos Estados Unidos, fazendo de tudo para impor a sua agenda à força. A mente, e principalmente o bolso, por trás dessa organização é revelada e com isso podemos aplicar para a nossa realidade o que diz o famoso ditado, “conheça seu inimigo”. Tendo em vista os possíveis cenários políticos no Brasil, no curto prazo, e a crise política que temos vivido, esta obra assume uma importância estratégica vital para a imunização do público ante as estratégias nela descritas. Com isso, nós esperamos atingir o objetivo que recompense o nosso esforço em disponibilizar essa obra: armar o eleitor brasileiro contra a manipulação de agentes externos. Que o povo brasileiro possa se lembrar que já raiou a liberdade no horizonte do Brasil e nenhum déspota estrangeiro há de tomar do povo a esperança que lhe move à luta, que, antes esquecida, agora ilumina o brasileiro a restaurar sua pátria.

É claro que não poderíamos deixar passar a oportunidade que aqui se apresenta para agradecer àqueles que nos ajudaram a realizar esse projeto, especialmente a editora Armada por dedicar-se com incrível profissionalismo para que obtivéssemos um livro da mais alta qualidade. Agradecemos também aos nossos queridos amigos, Flávio Gordon, que tomou parte na explicação da importância do tema que aqui se discutirá e Alexandre Borges por arranjar uma forma de contribuir por aqui também além dos anos de apoio ao nosso trabalho, bem como a Diego Pessi, grande admirador do próprio Horowitz. Por fim, nosso muito obrigado a Olavo de Carvalho e aos demais membros da comunidade de pensadores do Brasil cujas obras geram o espaço intelectual onde serão discutidas as ideias deste livro.

Tradutores de Direita

Maio de 2018

# PREFÁCIO

“Embora eu tenha feito fortuna no mercado financeiro, hoje temo que o fortalecimento irrestrito do capitalismo *laissez-faire* e a difusão dos valores do mercado para todas as esferas da vida estejam ameaçando a nossa sociedade aberta e democrática. O principal inimigo da sociedade aberta, creio, já não é a ameaça comunista, mas a capitalista”.

— George Soros, “A Ameaça Capitalista”,  
*The Atlantic*, fev. 1997





**N**o meu livro *A Corrupção da Inteligência*, inspirei-me em *insight* do escritor ex-comunista Louis Fischer para cunhar a expressão *momento-Kronstadt*, que descreve o instante dramático em que, por razões variadas, muitos intelectuais de esquerda acabaram rompendo com o comunismo

soviético. Localizada no golfo da Finlândia, Kronstadt é o nome da fortaleza naval que, em 1921, foi palco de uma revolta de marinheiros contra a ditadura bolchevique instaurada em outubro de 1917. Por ordem direta de Lenin, e sob comando de Trotsky, a revolta foi violentamente reprimida, tendo como saldo final milhares de insurgentes mortos e outros tantos feridos, estes logo enviados a Solovki, o primeiro campo de concentração da URSS. O evento dividiu os socialistas do mundo todo, levando muitos a uma irremediável desilusão com o comunismo de matriz soviética.

No artigo em que analisava o fenômeno – publicado no livro *O Deus que Falhou* (1949), no qual seis importantes intelectuais relatam seu doloroso processo de ruptura com o bolchevismo -, Fischer propôs a ideia de "Kronstadt" como uma metáfora para a revolução na consciência experimentada pelos apóstatas do sonho soviético, sinalizando a transição política de um ex-comunismo hesitante e inercial para um anticomunismo autoconsciente e decidido. Analisando a história intelectual do século XX, podemos notar que, para uns, essa reviravolta interior foi motivada pela repressão à revolta de Kronstadt propriamente dita; para outros, pelo Pacto Nazi-Soviético de 1939, ou pelo famigerado Relatório Krushev de 1956; para outros ainda, pela leitura de *Arquipélago Gulag*, o clássico de Soljenítsin publicado em 1973. Seja como for, todavia, uma virada de chave tão radical no espírito não pode ser inteiramente explicada por esses eventos concretos, pois envolve também uma série de percepções íntimas e pessoais que, no conjunto, dão forma e substância a um processo digno

do mistério das conversões religiosas. O *momento-Kronstadt* é como que um desenfeitiçamento, como quando se rasga o véu do templo, revelando uma realidade que obriga aqueles que o experimentam a uma decisiva reconfiguração existencial.

Após os de Whittaker Chambers (ex-espião soviético que viria a se tornar um dos mais importantes agentes da contra-inteligência americana no início da Guerra Fria), James Burnham (ex-trotskista co-fundador da revista *National Review*) e Bella Dodd (ex-comunista reconvertida ao catolicismo), o *momento-Kronstadt* mais emblemático nos EUA foi, sem dúvida, o de David Horowitz. No intervalo de pouco mais de duas décadas, esse neto de judeus ucranianos (cujo sobrenome original era provavelmente "Gurevitch") passou de expoente da Nova Esquerda soixante-huitardista a grande nome do pensamento conservador americano, uma transformação que, com raras sensibilidade e honestidade intelectual, ele conta em sua autobiografia *O Filho Radical: A Odisseia de uma Geração*.

Os pais pertenciam à primeira geração de comunistas da América, tendo ambos ingressado no Partido Comunista dos EUA (CPUSA) ainda na década de 1920. Criado num ambiente de radicalismo político e de certa clandestinidade, David experimentou desde cedo uma sensação de alheamento aos valores da nação hospedeira de seus ascendentes, que haviam chegado à América fugindo dos *pogroms* promovidos pelo regime czarista entre os anos de 1903 e 1906. Tanto pelo aspecto cultural judaico, quanto pelo da cultura política marxista, sua família vivia uma espécie de existência dupla: por um lado, assumindo uma fachada de classe média americana típica, para não chamar a atenção da vizinhança do subúrbio de Long Island em que viviam; por outro, participando de reuniões às escuras na célula local do CPUSA, uma comunidade paralela que lhes fornecia codinomes e planos para a revolução. Nessa comunidade David foi

socializado, aprendendo a ver os EUA como a sede de todo o mal, e a URSS, como um farol para a humanidade.

Em fevereiro de 1956, a publicação do famoso discurso secreto de Nikita Krushev, no qual se desfiava o imenso rosário dos crimes de Stalin, provocou um abalo nas convicções e certezas da grande família comunista dos EUA, bem como na do resto do mundo. Então com 17 anos, David percebeu esse abalo dentro de casa, na fisionomia dos pais.

Quando meus pais e seus amigos abriram o *Times* naquela manhã e leram o texto, o mundo desabou para eles, assim como toda a sua vontade de lutar" – descreve em sua autobiografia. "Se o documento fosse mesmo verdadeiro, então tudo o que disseram e tudo em que acreditavam era falso. E a tal missão secreta, que durante anos foi a única razão de viver de muitos desses militantes, parecia não ter mais sentido". Agravando uma desilusão prévia com o autoritarismo da liderança partidária, o Relatório Krushev acabou sendo decisivo para que seus pais resolvessem abandonar o CPUSA e, embora mantendo intacta a crença na utopia socialista a ser resgatada dos "erros" stalinistas, se afastassem da militância política.

De maneira algo freudiana, foi para honrar aquela crença e renovar a pulsão militante da família que, nos anos 1960, David começou a participar ativamente do movimento que viria a ser conhecido como Nova Esquerda, e que buscava se distanciar da ortodoxia marxista-leninista, posto que preservando o seu espírito revolucionário original. "Será que era necessário abandonar de vez o socialismo?" – pergunta David retoricamente, apenas para responder: "Eu não estava preparado para uma hipótese como essa. A visão socialista era minha única maneira de enxergar o mundo e de distinguir o certo e o errado. Era a minha esperança para um futuro melhor. O socialismo era o desejo de justiça. Eu não via como abrir mão de tudo isso". Pretendendo-se filha de mãe imaculada, a Nova Esquerda buscava desfrutar do prestígio associado ao

ideal romântico do comunismo, e sobretudo ao antifascismo, sem, contudo, assumir qualquer responsabilidade pelos seus efeitos trágicos. Era um corpo novo para uma alma velha. Como observou agudamente Alain Besançon em seu *A Infelicidade do Século*: “Cada experiência comunista é recomeçada na inocência”.

Como se sabe, a agenda da Nova Esquerda já não incluía coisas como ditadura do proletariado ou estatização da economia. Suas bandeiras agora eram o experimentalismo (“antes de tomar ácido, você não sabe o que é o socialismo”, disse um amigo a David), o antimilitarismo (com destaque para a campanha contra a Guerra do Vietnã), o anti-imperialismo, o terceiro-mundismo, o maoísmo, o apoio ao regime de Fidel Castro, a adesão às correntes mais agressivas e anti pacifistas do movimento negro americano, inspiradas mais em Malcom X do que em Martin Luther King Jr. “Na imaginação dos filhos de minha geração radical”, confessa David, “os negros substituiriam o proletariado como o Povo Escolhido que nos conduziria à Terra Prometida”.

Foi imbuído desse espírito que ele tomou a decisão mais radical de sua vida, aquela que, pelas consequências trágicas que gerou, viria a pavimentar o caminho para o seu *momento-Kronstadt*: a aproximação com os Panteras Negras, cujos membros, àquela altura, já haviam praticado uma série de crimes comuns e atos de terrorismo, inclusive uns contra os outros, sempre aplicando a retórica marxista da luta de classes à questão racial nos EUA. Em dada ocasião, num encontro para discutir o projeto de uma escola dos Panteras no qual estava pessoalmente empenhado, David foi perguntado sobre um nome para gerir as finanças do partido. Sugeriu o de Betty van Patter, contadora minuciosa responsável pelas finanças da escola. Foi então que o manto da tragédia começou a recair sobre o destino do nosso autor.

Certo dia, depois de uma acalorada discussão com Elaine Brown, a então líder dos Panteras, Betty desapareceu. Em 17 de janeiro de 1975, um

mês após o sumiço, a polícia descobriu o seu corpo na baía de São Francisco. Tinha um ferimento na cabeça, provocado por objeto perfurante. Embora o caso nunca tenha sido solucionado de maneira definitiva, todos os que o acompanharam, e David mais que ninguém, sabiam que Betty fora assassinada pelos Panteras Negras, provavelmente por queima de arquivo, ou por ter desafiado os interesses de Elaine, uma mulher radical e perigosa.

Dali em diante, atormentado dia e noite pelo ocorrido, David resolveu confrontar o silêncio de seus pares esquerdistas em face do crime, tendo a imediata noção do risco que passara a correr ao fazê-lo. Na expressão de Nelson Rodrigues, David tornara-se um ex-covarde. “Na época, eu estava num estado de queda livre interior explica, sinalizando o seu *momento-Kronstadt*. “Quando a polícia localizou o cadáver e o futuro já não era mais tão incerto, vi-me forçado a enfrentar a mim mesmo de uma maneira totalmente inédita. Todas as minhas rotas de fuga estavam bloqueadas. Eu não podia mais voltar atrás nas minhas ações. Uma luz impiedosa e inexorável iluminava tudo o que estava diante de mim”. David sentiu uma necessidade contornável de entender sua participação no ocorrido – o assassinato de uma pessoa inocente cometido por seus companheiros políticos. Tudo aquilo no qual acreditara, tudo aquilo pelo que lutara, todos os seus esforços de fazer o que era certo e justo acabaram culminando no seu envolvimento com os Panteras Negras e na proposta de trabalho feita a Betty, que viria a ser a sua sentença de morte. Por tanto tempo inebriado com as próprias virtudes, como todo bom revolucionário, teve de aprender da maneira a mais dolorosa que a matéria prima da violência política são justamente as boas intenções, uma lição gravada no mármore eremo dos versos do poeta:

*And Caiaphas was in his own mind*

*A benefactor to mankind<sup>1</sup>*

E foi com a autoridade intelectual e moral de quem experimentou tão diretamente o mal causado pelas ideologias revolucionárias que, em coautoria com John Perazzo, David Horowitz se debruçou sobre a figura do filantropo George Soros. Hoje o principal fomentador daquele mesmo radicalismo de esquerda herdado dos anos 1960, e não só na América como no mundo todo. Neste *Do Partido das Sombras ao Governo Clandestino*, que a editora Armada, em parceria com os Tradutores de Direita, faz chegar ao público brasileiro, os autores analisam como, por meio da vasta rede de instituições e atores políticos abrigados sob o guarda-chuva de sua *Open Society Foundations*, Soros conseguiu assumir o controle do Partido Democrata americano, inclinando-o para a extrema-esquerda e, por intermédio de Barack Obama, seu presidente-fantoches, transformando-o em mera plataforma para a sua agenda ideológica pessoal, que tem como objetivos centrais a diminuição da influência americana no cenário internacional, o enfraquecimento da soberania do país em favor de um governo mundial, o fim do livre mercado e da liberdade de expressão.

Para o leitor brasileiro, é de particular interesse conhecer o *modus operandi* desse senhor que se pretende dono do mundo, pois que os seus tentáculos institucionais já nos abraçam, pautando fortemente a nossa imprensa e, à margem de nosso sistema representativo, via recrutamento de ativistas e formadores de opinião engajados, impondo pautas de esquerda alheias aos valores e interesses da população, tais como a legalização do aborto e das drogas, a desmilitarização da polícia, o racismo e o feminismo radical. Depois de travar contato com pesquisa minuciosa e bem documentada de Horowitz e Perazzo, o leitor passará a olhar com um misto de pena e vergonha alheia para aqueles que se furtam à realidade mediante a catalogação de tudo o que desconhecem como “teoria da conspiração”. A quem quer que recuse essa covarde estratégia da avestruz, demonstrando coragem para compreender os nem sempre

alvissareiros bastidores da política internacional, este é o livro ideal. Soros, como um velho antepassado seu, pode querer ser o dono deste mundo. Mas, como sabemos há mais de dois mil anos, o verdadeiro reino está no outro.

FLAVIO GORDON

Antropólogo, escritor, tradutor,

autor de *A Corrupção da Inteligência*<sup>2</sup>

Rio de Janeiro, junho de 2018

## NOTAS

---

<sup>1</sup>. William Blake, *The Everlasting Gospel* (1818).

<sup>2</sup>. *A corrupção da inteligência – Intelectuais e poder no Brasil*. Record: Rio de Janeiro, 2017.





**GEORGE SOROS E A  
TENTATIVA DE MUDAR  
RADICALMENTE A  
AMÉRICA**

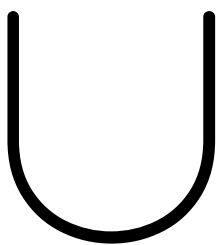
*"Nós estamos a cinco dias de  
transformar fundamentalmente os  
Estados Unidos da América".*

— Barack Obama, 30 de outubro de 2008<sup>1</sup>

## NOTAS

---

<sup>1</sup>. [www.columbiamissourian.com/stories/2008/10/30/obama-s-peakscrowd-40000/](http://www.columbiamissourian.com/stories/2008/10/30/obama-s-peakscrowd-40000/)



Um momento decisivo no longo e furtivo esforço de George Soros para obter o controle do Partido Democrata e mudar o curso da política americana ocorreu em agosto de 2008 na festa da convenção de nomeação presidencial em Denver, Colorado. Um dentre uma série de painéis de discussão montados para os figurões da mídia e os banqueiros, todos eufóricos com a crescente perspectiva da vitória de Barack Obama nas eleições que se aproximavam, apresentaram um homem chamado Rob Stein<sup>2</sup>. Um assessor do Secretário de Comércio, Ron Brown, da época da administração Clinton, Stein não era muito conhecido pelo público, mas tinha prestígio entre os democratas “progressistas” por ser um dos principais agentes da rede de instituições idealizada por Soros em uma tentativa para criar o que eles apenas em tom de brincadeira se referiam como uma “grande conspiração de esquerda”.

O tema do painel de discussão preparado por Stein para os militantes e cabeças do partido em 2008 foi “The Colorado Miracle”<sup>3 4</sup>. Todos na sala de exibição sabiam que a frase se referia à impressionante evolução política gerada basicamente do dia para a noite por uma cadeia de organizações financiadas por Soros. A lista dos eleitos a cargos públicos relatava a história. Em outubro de 2004, os republicanos conseguiram duas cadeiras no senado, 5 de 7 cadeiras no Congresso, o Executivo, a secretaria do Estado e ambas as casas do Legislativo. Quando as eleições de 2008, pouco menos de dois meses depois do discurso, acabou, o exato oposto aconteceu, o Colorado passou de base eleitoral republicana para democrata em um único e curto ciclo eleitoral<sup>5</sup>.

Alguns comentaristas políticos poderiam interpretar essa transformação como uma expressão da Independência Ocidental e oposicionismo ou de mudanças demográficas, a qual resultou de um

crescimento da população hispânica no estado. Esses e outros fatores tiveram suas contribuições. Mas como Stein apontou em sua exposição sobre o “*Colorado Miracle*”, na ocasião a momentos de sua apoteose, o Colorado havia passado por uma reformulação política primariamente como consequência de uma guerra política implacável travada pela *Colorado Democracy Alliance*, uma organização concebida por Stein e financiada por George Soros<sup>6</sup>. A *Colorado Democracy Alliance* criou, em tempo recorde, uma infraestrutura política progressista com [apenas] um propósito: dominar a política de Colorado desde os distritos até a Assembleia Legislativa. O propósito foi alcançado por meio de um impiedoso *blitzkrieg*<sup>7 8</sup> político. E o melhor de tudo foi que Stein assegurou ao seu público que o ocorrido no Colorado era um modelo replicável que poderia ser feito em muitos outros estados do país. A eleição de Barack Obama poderia ser seu objetivo de curto prazo, concluiu Stein, mas o objetivo de longo prazo seria tomar o controle do sistema político americano. “O motivo de fazer o que fazemos...” ele disse, “e o modo como obtemos mudanças progressivas é para controlar o governo”<sup>9</sup>

Rob Stein estava falando por seu patrão e por si mesmo. Num período de 20 anos, George Soros foi capaz de exercer uma influência inigualável por meio da rede de organizações políticas de esquerda criadas por ele — uma rede tão bem-sucedida que é um poder em si mesmo e ganhou a alcunha: o *partido das sombras*.<sup>10 11</sup> Se trata de uma rede que atua numa penumbra política, embora exija transparência de terceiros; que trabalha à margem do sistema eleitoral, embora afetar seus resultados seja sua razão de ser.

A agenda de George Soros está camuflada e seus objetivos não são alardeados publicamente por serem fundamentados numa visão extremista de transformação social que muitos americanos não apenas rejeitam como temem. Mas essa agenda envolvendo uma transformação

radical das instituições americanas subverteu e se apoderou do Partido Democrata. A agenda de Soros, de fato, se tornou a agenda de Obama.

## NOTAS

---

2. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2388](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2388)
3. <http://nrd.nationalreview.com/article/?q=ODImYWRIMDkxM-zYxMzMmINTY3YmMwZDciMzZmMmYzMGU=>
4. O milagre do Colorado (N. do T.).
5. <http://nrd.nationalreview.com/article/?q=ODJmYWRIMDkxM-zYxMzMmINTY3YmMwZDciMzZmMmYzMGU=>
6. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpid=7i5i](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpid=7i5i)
7. Guerra-relâmpago, termo originalmente designado para nomear a tática de guerra nazista no início da 2ª Guerra Mundial. (N. do T.)
8. [www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf](http://www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf)
9. [www.capitalresearch.org/news/news.html?id=677](http://www.capitalresearch.org/news/news.html?id=677)
10. [www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=842](http://www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=842)
11. Shadow Party, em inglês. Um partido não-oficial, clandestino. (N. do T.)

# **O Bilionário Filantropo**

Nascido na Hungria em 1930 em uma família judaica apóstata, George Soros sobreviveu à Segunda Guerra Mundial trabalhando como assistente de um funcionário do governo fascista cujo trabalho era confiscar a propriedade de judeus condenados à câmara de gás<sup>1</sup>. Após a guerra, Soros mudou-se para a Inglaterra<sup>2</sup>, onde frequentou a *London School of Economics* e foi influenciado pelo globalismo e pela perspectiva de aperfeiçoar a humanidade por meio da engenharia social. Mas nessa fase de sua vida suas ideias estavam subordinadas ao desejo de ganhar dinheiro. Depois de se formar em 1952, Soros se juntou a uma corretora de Londres, *Singer and Friedlander*.<sup>3</sup> Quatro anos depois, ele se mudou para Nova York e conseguiu um emprego de gerente de portfolio em um banco de investimentos. Da Europa ele trouxe consigo conceitos antiburgueses e antiamericanos e mais tarde admitiu querer permanecer nos EUA apenas tempo suficiente para fazer sua fortuna<sup>4</sup>. Mas os negócios eram bons demais e ele se naturalizou americano.

Em 1973 Soros criou uma parceria privada chamada *Soros Fund*,<sup>5</sup> renomeada *The Quantum Fund* em 1979.<sup>6</sup> Seu valor cresceu para US\$ 381 milhões em 1980,<sup>7</sup> e em mais de US\$ 1 bilhão em 1985.<sup>8</sup> Como ele disse mais tarde, "Tendo conseguido isso, eu poderia então satisfazer minhas preocupações sociais"<sup>9</sup>. Os US\$ 3 milhões investidos nessas preocupações em 1987 cresceram para US\$ 300 milhões por ano em 1992.<sup>10</sup> Durante esse período, Soros implantou uma série de fundações na Ásia Central e na Europa Oriental<sup>11</sup>, onde projetos por ele financiados aceleraram a queda dos regimes comunistas e também, como ele próprio admitiu, criaram novas oportunidades para que ele ganhasse dinheiro com as indústrias estatais e suas propriedades disponíveis a quem pegasse.



Em 1993, Soros estabeleceu o carro-chefe de sua rede de fundações — o *Open Society Institute* (OSI), com sede em Nova York — o qual apoiaria uma série de grupos americanos e bandeiras extremistas na década seguinte — desde a legalização de drogas, passando pelo incentivo da abertura de fronteiras e indo até a criação de um judiciário de esquerda — que apesar de carregarem sua excentricidade característica, encontraram eco em um crescente segmento do Partido Democrata<sup>12</sup>.

## NOTAS

---

1. SCHWEIZER, Peter. *Do As I Say*, Doubleday: New York, NY, 2005, p. 157;  
<http://tinyurl.com/4key5ek>
2. [www.georgesoros.com/faqs/entry/georgesorosofficialbiography](http://www.georgesoros.com/faqs/entry/georgesorosofficialbiography).
3. [www.telegraph.co.uk/finance/2773265/Billionaire-who-broke-theBank-of-England.html](http://www.telegraph.co.uk/finance/2773265/Billionaire-who-broke-theBank-of-England.html)
4. KAUFMAN, Michael T., *Soros: The Life And Times Of A Messianic Billionaire*, Vintage Books: London, 2002, p. 83.
5. [www.referenceforbusiness.com/history2/85/Soros-Fund-Management-Llc.html](http://www.referenceforbusiness.com/history2/85/Soros-Fund-Management-Llc.html)
6. [www.fundinguniverse.com/company-histories/Soros-Fund-Management-LLC-Company-History.html](http://www.fundinguniverse.com/company-histories/Soros-Fund-Management-LLC-Company-History.html)
7. [www.referenceforbusiness.com/history2/85/Soros-Fund-Management-Llc.html](http://www.referenceforbusiness.com/history2/85/Soros-Fund-Management-Llc.html)
8. SCHWEIZER, Peter, *Do As I Say*, 2005, op. cit, p. 157.
9. [www.guardian.co.uk/business/2002/mar/10/theobserver.observer-business10](http://www.guardian.co.uk/business/2002/mar/10/theobserver.observer-business10)
10. SOROS, George, *The Bubble of American Supremacy*, PublicAffairs / Perseus Books Group: New York, NY, 2004, p. 136. O livro foi publicado no Brasil sob o título *A bolha da supremacia americana – Corrigindo o abuso de poder dos Estados Unidos*. Record: Rio de Janeiro, 2004.
11. [www.soros.org/about/timeline](http://www.soros.org/about/timeline).

12. [www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=589](http://www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=589)

**A Reforma do  
Financiamento de  
Campanha e a  
Criação do Partido  
das Sombras**

No início dos anos 90, Soros se aproximou de Bill e Hillary Clinton. ("Eu tenho agora um canal de acesso direto à administração [Clinton]", gabou-se em 1995. "Não há dúvida sobre isso. Na verdade, nós trabalhamos juntos, como uma equipe"<sup>1</sup>. Uma área de estreita colaboração entre os Clinton e Soros foi a de Serviços de Saúde. Soros tinha [em mente] sua própria reforma, promovida pelo *Open Society Institute*, que ele considerava compatível com as iniciativas conhecidas por *HillaryCare*. Ele a chamou, com a franqueza característica, de *O Projeto da Morte na América*<sup>2</sup>. Seu raciocínio era humanitário: incorporar hospícios e cuidados "paliativos" ao sistema de saúde americano. Mas seu objetivo principal era mais pragmático: racionar assistência médica para pacientes terminais e gravemente enfermos para os quais a atenção médica resultavam em baixo custo-benefício e que, portanto, era um fardo para o sistema. Esse foi o predecessor dos "painéis da morte" do *ObamaCare*, os quais receberam inúmeras críticas da direita política na década seguinte.

Ao longo de um período de dez anos, o *Open Society Institute* despejou US\$ 45 milhões para *O Projeto da Morte na América*.<sup>3 4</sup> Mas Soros estava menos preocupado com o fato de que sua iniciativa não foi recompensada imediatamente do que pela forma com que tais reformas socialmente progressistas foram derrotadas nos Estados Unidos devido a uma liberdade de expressão desregrada. A derrocada do *HillaryCare* gerou nele uma epifania de como o sistema político deveria mudar para que as ideias progressistas triunfassem<sup>5</sup>.

A proposta dos Clinton de nacionalizar o sistema de saúde foi arruinada em grande parte por uma campanha publicitária na televisão com "*Harry e Louise*", atores interpretando um típico casal americano expressando suas preocupações em uma série de anúncios televisivos

sobre as implicações de uma estatização da medicina. A campanha custou US\$ 14 milhões, uma pequena quantia comparada ao que conseguiu — arruinar a iniciativa mais importante da nova administração<sup>6</sup>. A lição que Soros tirou da experiência foi que ele estava colocando a carroça na frente dos bois. Antes de injetar dinheiro em reformas, ele deveria se livrar do discurso político não regulamentado que sempre estaria no caminho dos tipos de soluções progressistas (isto é, socialistas) para os problemas sociais que ele considerava críticos para o futuro da América e do mundo.

Havia uma solução em discussão: a reforma do financiamento de campanha. Esta pairava na política americana com urgência decrescente desde o *Watergate*<sup>7</sup>, mas ainda era, com o passar dos anos, uma reforma sem um eleitorado. Trabalhando com outros interessados nessa questão, Soros usaria a rede institucional que começava a construir para criar a ilusão de um movimento de massas para que os membros do Congresso sentissem que em toda parte que olhassem — instituições acadêmicas, comunidade empresarial, grupos religiosos — haveria um clamor pela reforma do financiamento de campanha<sup>8</sup>.

Nos anos subsequentes, Soros doaria US\$ 12,6 milhões para a causa da reforma do financiamento de campanhas por meio do *Open Society Institute* e estimularia outras instituições filantrópicas interessadas, entre as quais o *Pew Charitable Trusts* teve um papel crucial, a acelerar seu compromisso com essa cruzada<sup>9</sup>. O rolo compressor que ele ajudou a formar concederia grandes concessões a meios de comunicação como o *National Public Radio* para dar publicidade [positiva] à causa<sup>10</sup>, e a instituições como o *Brennan Center* da Universidade de Nova York para fazer a pesquisa jurídica, por mais inverídica que ela tenha se provado mais tarde, que tentaria justificar a regulamentação do discurso político<sup>11</sup>.

Tudo isso foi recompensado em 2002 com a Lei McCain-Feingold (Soros também financiou McCain), que propôs a moralização da política

por meio da regulamentação das quantias e dos tipos de doações que os candidatos poderiam receber. A legislação proibia a contribuição "indireta" (contribuições individuais não regulamentadas) e permitia apenas a contribuição "direta" limitada (contribuições para comitês de ação política)<sup>12</sup>. Soros viu imediatamente que o principal efeito da nova lei seria duplo: restringiria o uso do tipo de propaganda na TV que havia aniquilado o *HillaryCare*; e, finalmente, limitaria a influência dos dois partidos políticos, que dependiam de contribuições indiretas como sua fonte principal de financiamento. Isso daria a Soros a abertura para intervir com sua rede abastada e assumir o controle das campanhas políticas dos democratas. Isso seria feito canalizando dinheiro para a política por meio das pretensas "organizações 527", assim nomeadas por causa da seção do código do IRS que permite que elas se registrem na Comissão Eleitoral Federal. Soros poderia usar essas organizações para desempenhar as funções — propaganda política, operações de obtenção de votos<sup>13</sup> — anteriormente sob o controle do Partido Democrata, que agora não tinha dinheiro para custeá-las<sup>14</sup>.

A lei McCain-Feingold secou definitivamente a fonte do Partido Democrata (e do Partido Republicano também) e permitiu a Soros se aproveitar da situação e criar um partido clandestino composto por 527 entidades financiadoras, organizações radicais de obtenção de votos como a ACORN<sup>15</sup> e sindicatos do setor público para implementar a agenda política de Soros<sup>16</sup>.

A reação nacional aos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 convenceu Soros de que ele precisava pôr seu plano em prática imediatamente. Ele viu os ataques terroristas como uma confirmação de que o que ele chamava de "supremacia americana" era o problema número um no mundo<sup>17</sup>. Soros detestava o que percebia como a arrogância que o presidente demonstrava quando publicamente classificava os inimigos dos EUA como "malignos"; quando o presidente

expressava, sem cerimônias, sua fé no excepcionalismo americano; e quando ele se recusou a considerar a possibilidade de que os terroristas tivessem ressentimentos reais e que o imperialismo norte-americano fosse o principal responsável pelos ataques.

Soros insistiu que a resposta adequada de longo prazo ao 11 de Setembro seria a de os Estados Unidos lançarem uma guerra global contra a pobreza enviando enormes quantidades de doações a regiões empobrecidas ao redor do mundo onde o terrorismo florescia. O terrorismo, segundo Soros, era o resultado de uma “crescente desigualdade entre ricos e pobres, tanto internamente quanto entre os países”<sup>18</sup>.

Antes do 11 de Setembro, Soros considerava a filantropia uma forma de mudar gradualmente os serviços de saúde, a condenação penal, as leis sobre drogas e outras questões sociais que considerava importantes. A direção em que ele queria conduzir os Estados Unidos estava clara nas agendas extremistas dos grupos que financiava há quase uma década por meio de seu *Open Society Institute*. Essas agendas poderiam em essência ser resumidas em três temas primordiais, a diminuição do poder americano, a submissão da *soberania americana* em favor de um governo mundial e a implementação *de uma redistribuição socialista da riqueza* — tanto dentro dos EUA quanto mundo afora.

Mas agora Soros decidiu que o mundo estava em perigo devido ao imperialismo americano e era essencial mudar o país em seus alicerces, da noite para o dia e não ao longo do tempo. Ele acreditava que as eleições de 2004 ofereceriam a melhor oportunidade para “baixar a bola dos supremacistas americanos”<sup>19</sup>. Mas, para conseguir isso, seria necessário um aparato político nunca antes visto nos Estados Unidos; uma rede que além de adquirir uma influência profunda e duradoura, agiria de maneira tão dissimulada que os americanos mal saberiam o que estava acontecendo.

## NOTAS

---

1. Entrevista com George Soros, The Charlie Rose Show, PBS (30 de novembro de 1995).
2. [www.capitaireresearch.org/pubs/pdf/x3770435801.pdf](http://www.capitaireresearch.org/pubs/pdf/x3770435801.pdf)
3. Do inglês "The project on death in America". (N. do T.)
4. [www.soros.org/resources/articles\\_publications/publications/report\\_2004H22/a\\_complete.pdf](http://www.soros.org/resources/articles_publications/publications/report_2004H22/a_complete.pdf)
5. HOROWITZ, David; POE, Richard, The Shadow Party, 2006, pp.131-136.
6. [www.nytimes.com/2009/07/17/business/media/17adco.html](http://www.nytimes.com/2009/07/17/business/media/17adco.html)
7. Escândalo de espionagem política ocorrido em 1972 no hotel de onde provém seu nome e que culminou com a renúncia do então presidente Richard Nixon. Mais informações em [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/i2o6i5\\_artigo\\_campbell\\_rp](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/i2o6i5_artigo_campbell_rp). (N. do E.)
8. [www.richardpoe.com/2005/03/25/pewgate-the-battle-of-the-blogsphere/](http://www.richardpoe.com/2005/03/25/pewgate-the-battle-of-the-blogsphere/)
9. Ryan Sager, "Buying 'Reform': Media Missed Millionaires' Scam," New York Post, 17/mar/2005
10. Ibidem.
11. David Tell, "An Appearance of Corruption: The Bogus Research Undergirding Campaign Finance Reform," The Weekly Standard, 26/mar/2003.
12. [www.fec.gov/press/bkgnd/bcra\\_overview.shtml](http://www.fec.gov/press/bkgnd/bcra_overview.shtml)
13. "Get-out-the-vote" em inglês. Como o voto nos EUA não é obrigatório, algumas organizações existem para convocar e convencer eleitores a comparecerem no dia da eleição. (N. do T.)
14. [www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=8i3](http://www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=8i3)
15. ONG fundada e presidida por George Soros. Mais informações em <https://capitalresearch.org/article/the-george-soros-acornconnection/> e



<https://www.redstate.com/diary/anitamonicrief/2013/03/the-sinister-soros-acorn-connections-you-arent-supposed-to-notice/>. (N. do E.)

<sup>16</sup>[www.discoverthenetworks.org/Articles/theshadowparty-poe2004.html](http://www.discoverthenetworks.org/Articles/theshadowparty-poe2004.html)

<sup>17</sup>Soros (2004), p. 74; [www.canadafreepress.com/index.php/article/19648](http://www.canadafreepress.com/index.php/article/19648)

<sup>18</sup>Op. cit., p. 94.

<sup>19</sup>Op cit., p. 74.

# **A Primeira Eleição: 2004**

Não houve anúncio oficial quando o *Partido das Sombras* foi lançado em 17 de julho de 2003 em El Mirador — a propriedade de George Soros em Southampton, Long Island. Mas esse foi o evento mais significativo na política americana em décadas. Nesta reunião de estrategistas políticos, doadores abastados, sindicalistas de esquerda e ativistas progressistas, Soros expôs seu plano para derrotar George Bush na eleição presidencial de 2004. Estavam presentes personalidades da gestão de Clinton, como a ex-secretária de Estado Madeleine Albright e o ex-chefe de gabinete da Casa Branca, John Podesta; ao lado deles estavam ativistas “progressistas” como Ellen Malcolm, fundadora e presidente da *EMILY'S List*; Carl Pope, diretor executivo do *Sierra Club*, junto com grandes doadores como o herdeiro do *Taco Bell*, Rob McKay; o presidente da *RealNetworks*, Rob Glaser e o magnata da *Progressive Insurance* Peter B. Lewis<sup>1</sup>.

Os agentes políticos que Soros havia contratado para assessorar a empreitada acreditavam que Bush poderia ser derrotado em 2004 se houvesse uma participação maciça de eleitores democratas nos Estados decisivos<sup>2 3</sup>. Soros prometeu os US\$ 10 milhões necessários para financiar uma organização que se chamaria *America Coming Together*. Um grupo de militância de base projetado para coordenar a campanha maciça do *Partido das Sombras*, o *America Coming Together* arrecadaria o dinheiro que permitiria o envio de dezenas de milhares de voluntários para bater em portas e fazer *telemarketing* eleitoral, apostar no trabalho de sindicatos de esquerda, de ambientalistas e ativistas dos direitos abortivos em uma ofensiva política sem precedentes. Quando Soros assumiu seu compromisso, de acordo com reportagens que vazaram do encontro de

Southampton, Peter Lewis investiu US\$ 10 milhões, Rob Glaser deu US\$ 2 milhões e Rob McKay colocou US\$ 1 milhão<sup>4</sup>.

Logo após esta reunião de cúpula, Soros também doou US\$ 3 milhões para o novo *think tank*<sup>5</sup> de John Podesta, o *Center for American Progress*, que funcionaria como o Estado-Maior da rede de instituições que formariam o *Partido das Sombras*.<sup>6</sup> E finalmente, Soros convocou o desenvolvedor de *softwares* da Califórnia, Wes Boyd, para uma reunião em seu escritório em Nova York. Além de ter ganho uma fortuna no Vale do Silício, Boyd também foi o criador do *site* de extrema-esquerda *MoveOn.org*<sup>7</sup> que ele fundou durante o processo de *impeachment* de Clinton para fazer a nação "seguir em frente" para "questões mais importantes" e desde então criou uma vaquinha *online* para candidatos democratas de esquerda. Soros ofereceu a Boyd um acordo. Ele e Peter Lewis iriam desembolsar US\$ 5 milhões para qualquer fundo que Boyd levantasse para expandir o alcance do *MoveOn* em 2004.<sup>8</sup>

Depois que todas essas negociações foram concluídas, Soros concordou em ser entrevistado pelo *Washington Post*. "Os EUA sob a administração Bush são um perigo para o mundo", declarou ele. "Derrubar Bush é a prioridade máxima de minha vida (...). E estou disposto a apostar meu dinheiro nessa ideia"<sup>9</sup>.

Embora o investimento de Soros fosse expressivo, antes de mais nada foi um catalisador que inspirou outros doadores de esquerda a levar a nova rede a sério. Como observou o jornalista Byron York, "depois que Soros assinou, as contribuições começaram a aparecer"<sup>10</sup>. A *America Coming Together* e o *Media Fund*, organização destinada a combater a "guerra midiática" da televisão nas próximas eleições, arrecadou cerca de US\$ 200 milhões depois que Soros se comprometeu com seus US\$ 20 milhões. Esse tipo de financiamento concentrado e ação intensa foi sem precedentes na política americana<sup>11</sup>.

No início de 2004, pouco menos de seis meses após a reunião na propriedade de Soros, o *Partido das Sombras* tomou forma. Sua infraestrutura era composta por sete organizações sem fins lucrativos. Além da *America Coming Together*, da *MoveOn.org* e do *Center for American Progress* de Podesta, a rede incluía a *America Votes*<sup>12</sup>, o *Media Fund*<sup>13</sup> a *Joint Victory Campaign 2004*<sup>14</sup> e o *Thunder Road Group*.<sup>15</sup> Ostensivamente "independentes" umas das outras, essas organizações trabalhariam em sincronia para derrotar Bush e implantar uma agenda progressista no Partido Democrata.

O *Partido das Sombras* era um pacote completo. O *Center for American Progress* [CAP], era um *think tank* para explorar as causas prioritárias, em especial o poder crescente dos conservadores, como percebido por Soros (O CAP imediatamente lançou o *Media Matters* como um *site* de ataque para difamar e desacreditar os membros da mídia conservadora, especialmente aqueles em programas de rádio e de TV a cabo<sup>16</sup>). A *America Votes*, referida por um de seus funcionários como uma "coalizão monstruosa", foi projetada para coordenar as ações de todos os grupos de esquerda que faziam o trabalho de base para derrotar Bush — da ACORN ao *Planned Parenthood Action Fund* e do *Sierra Club* à *American Federation of Teachers* e ao *Service Employees International Union*. Ela administraria a "guerra terrestre" contra Bush, ajustando as particularidades até o nível dos distritos.

A *Joint Victory Campaign 2004*, formada pelo antigo agente de Clinton, Harold Ickes Jr.<sup>17</sup>, era a arrecadadora de fundos para o *Partido das Sombras*. Chegaria a canalizar mais de US\$ 57 milhões para a rede do *Partido das Sombras*, US\$ 19,4 milhões para a *America Coming Together*, que focava em táticas de alta pressão para registrar eleitores e levá-los às urnas, e outros US\$ 38,4 milhões para o *Media Fund*, também criado por Ickes, que supervisionava a ofensiva de anúncios televisivos contra Bush nos estados decisivos<sup>18</sup>. Consequentemente, o *Media Fund*

iria gastar mais do que o Comitê Nacional Democrata e moldar a mensagem política da campanha presidencial de Kerry-Edwards.

O *Thunder Road Group* era o núcleo duro do *Partido das Sombras* e seu quartel-general não oficial, coordenando estratégias para o *Media Fund*, a *America Coming Together*, o *Trial Lawyers of America*; o *Defenders of Wildlife Action Fund*; a *EMILY's List*; o *Human Rights Campaign*; a *League of Conservation Voters*; a *NAACP*; o *NARAL Pro-Choice America*; a *National Education Association*; o *People for the American Way*; a *Planned Parenthood*; o *Service Employees International Union*; e o *Sierra Club*<sup>19</sup> e a *America Votes* por meio de planejamento estratégico, boca de urna e dossiês da oposição.

Além de seus sete membros fundadores, o *Partido das Sombras* também abrigou em sua penumbra pelo menos outros 30 grupos ativistas de esquerda bem consolidados e sindicatos de trabalhadores que participaram da *America Votes Coalition*. Entre os mais conhecidos destes estavam a ACORN, o AFL-CIO, a *American Federation of Teachers*, o então governador da *Association of New Mexico* —, o democrata Bill Richardson, observou que esses grupos eram “cruciais” para o esforço anti-Bush. Por causa da lei de reforma do financiamento de campanha incorporada no McCain-Fein-gold, Richardson observou que as organizações do *Partido das Sombras* haviam se tornado “o substituto do Partido Democrata nacional”<sup>20</sup>. E nenhum doador investiu mais nessas organizações — ou em derrotar o presidente Bush — do que Soros, que contribuiu com US\$ 27.080.105 de seus fundos pessoais durante o ciclo eleitoral de 2004<sup>21</sup>. A Reforma do Financiamento de Campanha levou à maior infusão de dinheiro na política da história americana, e o dinheiro foi gerenciado por Soros.

Em novembro de 2004, o *Partido das Sombras* chegou a ficar poucos milhares de votos em Ohio aquém de obter uma vitória nas eleições nacionais. Mas, mesmo na derrota, sua alteração do panorama político

americano foi profunda. Ao pressionar pela reforma do financiamento de campanha, Soros cortou o fornecimento de contribuição indireta dos democratas. Ao formar o *Partido das Sombras*, ele forneceu aos democratas uma fonte alternativa de financiamento — uma que ele e as instituições que criou controlavam. Ele estava em condições de definir a agenda do partido e também de expurgar a pequena minoria de remanescentes moderados que sobreviveram ao golpe de 1972 de McGovern e planejar a próxima eleição para determinar o futuro americano.

## NOTAS

---

1. [www.richardpoe.com/2005/10/06/part-1-the-shadow-party/](http://www.richardpoe.com/2005/10/06/part-1-the-shadow-party/)
2. Ibidem.
3. "Swing State": estados sem um candidato com maioria clara nas eleições. Por isso são alvos de intensa campanha por todos os candidatos e acabam decidindo o resultado (N. do T.).
4. [www.richardpoe.com/2005/10/06/part-1-the-shadow-party/](http://www.richardpoe.com/2005/10/06/part-1-the-shadow-party/)
5. Laura Blumenfeld, "Soros's Deep Pockets vs. Bush", The Washington Post, ii/nov/2003.
6. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6709](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6709)
7. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=620i](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=620i)
8. [www.richardpoe.com/2005/10/06/part-1-the-shadow-party/](http://www.richardpoe.com/2005/10/06/part-1-the-shadow-party/)
9. Laura Blumenfeld, "Soros's Deep Pockets vs. Bush", The Washington Post, n/nov/2003.
10. YORK, Byron, The Vast Left-Wing Conspirac Penguin Random House Canada-. Toronto, ON, 2005, p. 86-87.
11. Ibid.

12. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6527](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6527)
13. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=67i2](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=67i2)
14. [www.discoverthenetworks.org/funderprofile.asp?fndid=5342&-category=79](http://www.discoverthenetworks.org/funderprofile.asp?fndid=5342&-category=79)
15. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=67i3](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=67i3)
16. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7i50](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7i50)
17. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7i50](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7i50)
18. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indId=1624](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indId=1624)
19. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6527](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6527)
20. Jeffrey H. Bimbaum, "The New Soft Money," *Fortune*, 27 de outubro de 2003.
21. YORK, Byron, *The Vast Left-Wing Conspiracy*, op. cit, 2003, p. 8.



**2º Round:  
A Aliança Democrata**

Enquanto Soros se perguntava qual deveria ser seu próximo passo depois da reeleição de Bush, a resposta veio — um tanto inesperadamente — do agente político democrata Rob Stein, que desempenharia um papel central no "Colorado Miracle", um dos maiores triunfos do *Partido das Sombras* e um exemplo para seu plano nacional.

Nos dois anos anteriores, Stein trabalhava em um universo paralelo ao que Soros havia criado para a eleição de 2004. Lamentando sentir-se como se estivesse “em um país de partido único” depois que os republicanos conseguiram oito assentos na Câmara e dois assentos no Senado nas eleições de 2002, Stein estudou o movimento conservador para determinar o porquê de estarem vencendo a batalha política<sup>1</sup>.

Depois de um ano de análise, ele concluiu que algumas influentes fundações de famílias abastadas à direita — especialmente Scaife, Bradley, Olin e Coors — criaram *think tanks* como *Heritage Foundation* e *American Enterprise Institute* e subsidiaram o trabalho de certos intelectuais (como Charles Murray, cujos escritos haviam desencadeado o movimento para acabar com o assistencialismo social), e conseguiram moldar o debate público de uma forma que era desproporcional ao seu investimento relativamente modesto (e descoordenado).

Stein mostrou sua análise em uma apresentação detalhada em *PowerPoint* intitulada “A matriz de dinheiro da máquina de mensagens conservadora”, que mapeou, em detalhes minuciosos, embora exagerados, as estratégias de rede e as fontes de financiamento do movimento conservador<sup>2</sup>. Ele mostrou essa apresentação — sobretudo em reuniões privadas — para líderes políticos, ativistas e possíveis doadores de esquerda. Ele esperava inspirá-los a se unirem à sua cruzada para construir uma nova organização que atuasse como uma central de angariação de

fundos dedicada a compensar os esforços de financiadores conservadores e injetar nova vida no movimento progressista.

Stein acertou em cheio quando mostrou sua apresentação para Soros no início de 2005. Depois de ver a apresentação e conversar com Stein, o bilionário preparou outra reunião de cúpula em abril. O local foi em Phoenix, Arizona, mas, tirando este detalhe, lembrava a reunião de elite um ano e meio antes, na propriedade de Soros em Southampton. Desta vez, Soros reuniu 70 ativistas ricos, escolhidos a dedo e com uma visão de mundo idêntica à sua, que concordaram que a política conservadora representava “uma ameaça fundamental ao modo de vida americano” e estavam prontos para fazer algo a respeito<sup>3</sup>. Assim nasceu a *Democracy Alliance* (DA).

Esta seria a mais exclusiva de todas as instituições do *Partido das Sombras*. Os “Parceiros” da Aliança, recrutados apenas por convite, pagariam uma taxa inicial de US\$ 25.000 e, posteriormente, US\$ 30.000 em contribuições anuais. Eles também foram obrigados a doar pelo menos US\$ 200.000 por ano para grupos endossados pela Aliança. Os doadores deveriam “despejar” essas doações obrigatórias em uma ou mais das quatro categorias do DA das quais Rob Stein se referia como: ideias, mídia, treinamento de liderança e engajamento cívico. O dinheiro deveria então ser distribuído para grupos de esquerda aprovados em cada uma dessas categorias<sup>4</sup>.

Quase patologicamente reservada a respeito de seus membros, acredita-se que a *Democracy Alliance*<sup>5</sup> consiste em pelo menos 100 parceiros doadores. O *Capital Research Center* conseguiu compilar os nomes de alguns dos atuais e ex-parceiros mais importantes da DA, a maioria com laços com Soros que se estendem além da participação na *Democracy Alliance*.<sup>6</sup> Entre eles estão Peter Lewis, Rob Glaser e Rob McKay, os primeiros financiadores da America Coming Together; Tim Gill, um grande financiador de grupos de direitos dos homossexuais, como a

*Gay, Lesbian, and Straight Education Network*, também financiada por Soros; o produtor de televisão Norman Lear, fundador da *People for the American Way*; o fundador e CEO da *Tides Foundation*, Drummond Pike.

Nenhuma doação foi prometida no encontro da *Democracy Alliance* em abril de 2005 em Phoenix, mas em uma reunião de Atlanta três meses depois, os parceiros da DA prometeram US\$ 39 milhões — cerca de um terço da quantia vieram de George Soros e Peter Lewis<sup>7</sup>. Como a DA se absteve, em grande parte, de fornecer informações sobre sua arrecadação ou doação, apenas uma pequena porcentagem de seus beneficiários é conhecida do público. Assim, é impossível determinar com precisão quanto dinheiro a DA desembolsou desde a sua fundação. A maioria das estimativas, no entanto, coloca a quantia em mais de US\$ 100 milhões (o “Parceiro” Simon Rosenberg, fundador da *New Democrat Network*, afirmou em agosto de 2008 que a DA já havia “arrecadado centenas de milhões de dólares para organizações progressistas”)<sup>8</sup>. Os beneficiários incluem organizações como ACORN e *Air America*, um esforço condenado ao fracasso de se criar uma versão de esquerda de *talk radio*, junto com organizações do *Partido das Sombras*, como o *Center for American Progress*, *America Votes*, e *Media Matters*.

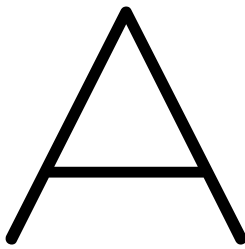
Nos três anos seguintes à sua fundação, a *Democracy Alliance* implantaria filiais em muitos outros estados, mas sua aposta mais bem-sucedida foi no Colorado, onde a *Colorado Democracy Alliance* financiou empreendimentos tão variados quanto *think tanks* de esquerda, grupos de “fiscalização” da mídia, grupos de ética que deram origem ao tal litígio de interesse público, grupos de mobilização de eleitores, meios de comunicação que atacam conservadores e centros de treinamento de liderança progressista<sup>9</sup>. O resultado foi o “*Colorado Miracle*”, que alcançou o equivalente político de uma operação de mudança de sexo ao transformar um estado tipicamente republicano em democrata.

## NOTAS

---

1. [www.humanevents.com/article.php?print=yes&id=8738](http://www.humanevents.com/article.php?print=yes&id=8738)
2. [www.humanevents.com/article.php?print=yes&id=8738](http://www.humanevents.com/article.php?print=yes&id=8738)
3. [www.washingtontimes.com/news/2009/mar/15/fundraiser-seekscash-for-his-own-war-chest/print/](http://www.washingtontimes.com/news/2009/mar/15/fundraiser-seekscash-for-his-own-war-chest/print/) ; [www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20](http://www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20)
4. [www.democracyalliance.org/membership%20](http://www.democracyalliance.org/membership%20); [www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20](http://www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20)
5. Organização cuja finalidade é disseminar o "progressismo" pelos EUA (N. do E.).
6. [www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf](http://www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf); [www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20](http://www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20)
7. [www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20](http://www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20)
8. [www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20](http://www.capitalresearch.org/news/news.html?id=55i%20);  
<http://www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf>
9. [www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf](http://www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf)

**Radicalizando a  
América, Um Partido  
e Um Estado por vez**



penas dois meses após o Partido Democrata ter conquistado o controle de ambas as casas do Congresso nas eleições de novembro de 2006, George Soros e o então presidente da SEIU (*Service Employees International Union*),<sup>1</sup> Andrew Stern, criaram o *Working for Us* (WFU), um PAC (comitê de ação política) pró-democrata. Este grupo não parece favorável aos democratas moderados. Em vez disso, visa “eleger legisladores que apoiam uma agenda política progressista” — código para a esquerda política<sup>2</sup>. A WFU publica os nomes do que chama de “Maiores Traidores” entre os congressistas democratas que fracassam em apoiar as prioridades esquerdistas como a lei de “salário digno” (um programa socialista para elevar o salário mínimo a níveis potencialmente ilimitados), a proliferação de sindicatos trabalhistas do setor público e um sistema único de saúde que aumentaria o controle governamental sobre a saúde de todos os americanos. Mirando os democratas do Congresso cujos registros de votação “são mais conservadores que seus distritos”, a WFU adverte que “nenhum voto ruim será ignorado ou impune”<sup>3</sup>.

Em um esforço para promover a redistribuição de renda em grande escala por meio de aumentos de impostos para os que ganham mais, a WFU defende políticas que reduziriam o abismo econômico entre ricos e pobres. O diretor executivo do grupo é Steven Rosenthal, um veterano ativista democrata com vínculos profundos com o governo Clinton e co-fundador da *America Corning Together*, de Soros. Segundo Rosenthal, a WFU “incentivará os democratas a agirem como democratas — e se não o fizerem, é melhor que saiam do caminho”<sup>4</sup>.

Para o *Partido das Sombras* o que aconteceu no Colorado foi como um experimento de laboratório, fornecendo o modelo para que ardis semelhantes fossem replicados em outros estados decisivos que

experimentaram mudanças demográficas e “revoluções culturais” parecidas.

Já em agosto de 2005, quando a *Democracy Alliance* estava apenas engatinhando, o *Open Society Institute* de Soros elaborou um projeto chamado *Progressive Legislative Action Network*, ou PLAN, cujo objetivo era fornecer aos parlamentares estaduais um “modelo” de lei pré escrito que refletisse a agenda esquerdista<sup>5</sup>. Um ano depois, três membros da *Democracy Alliance* deram o próximo passo na tentativa do *Partido das Sombras* de tomar as rédeas do poder em nível nacional, lançando uma nova iniciativa da maior importância chamada *Secretary of State Project* (SoSP), que foi criada como uma “organização 527” independente, dedicada a ajudar os democratas a vencer as eleições para Secretário de Estado em estados “decisivos” cruciais, onde a margem de vitória nas eleições presidenciais de 2004 foi de 120.000 votos ou menos<sup>6</sup>.

Por que o foco no secretário de Estado, tradicionalmente considerado um dos trabalhos menos importantes no governo do estado? Porque quem preenche esta posição serve como diretor executivo eleitoral que certifica não apenas candidatos como também os resultados da eleição em seu estado<sup>7</sup>. O detentor deste cargo, então, pode potencialmente desempenhar um papel decisivo na determinação do vencedor de uma eleição apertada.

A ideia do *Secretary of State Project* surgiu logo após a eleição de 2004, quando o *Partido das Sombras* culpou o então secretário de estado de Ohio, Kenneth Blackwell, um republicano, pela derrota de John Kerry. Blackwell havia decidido que Ohio, que proporcionou a vitória eleitoral de George W. Bush (por uma margem de votos relativamente pequena de 118.599 votos), não contaria as cédulas provisórias<sup>8</sup> — mesmo aquelas submetidas por eleitores devidamente registrados — se tivessem sido apresentadas no recinto errado. Embora a Corte de Apelações para o 6º Circuito tenha apoiado a decisão de Blackwell no final, os membros



fundadores do *Secretary of State Project* receberam a decisão com a mesma amargura que sentiam pela recontagem da Flórida em que o vice-presidente Al Gore perdeu para George Bush nas eleições de 2000, e que foi apurada pela secretária de Estado republicana Katherine Harris. Resumindo suas ações, o analista político Matthew Vadum escreveu que tanto os líderes e militantes do *Secretary of State Project* também “acreditam piamente que as secretárias de Estado de direita ajudaram o Partido Republicano a roubar as eleições presidenciais na Flórida em 2000 (...) e em Ohio em 2004”<sup>9</sup>.

Para estabelecer uma “proteção eleitoral” contra resultados semelhantes em disputas eleitorais subsequentes, o *Secretary of State Project* concentrou seus esforços de financiamento em 2006 nas eleições para secretário de Estado em sete estados decisivos — Iowa, Minnesota, Nevada, Novo México, Ohio, Colorado e Michigan<sup>10</sup>. O *USA Today* viu o resultado, mesmo que não tenha compreendido o maquinário sombrio que o havia produzido: "A batalha política pelo controle do governo federal abriu uma nova frente: os escritórios estatais obscuros, mas vitais, que determinam quem vota e como esses votos são contados"<sup>11</sup>.

Devido à natureza relativamente banal da maioria das funções do secretário de Estado, os candidatos a esse cargo tendem a atrair menos e menores doações do que a maioria das campanhas estaduais. Consequentemente, mesmo uma modesta injeção de dinheiro de apenas um punhado de doadores experientes e comprometidos podem pender a balança<sup>12</sup>. Em 2006, a SoSP arrecadou um total de US\$ 500.000 para os candidatos a secretário de Estado que apoiou — uma pequena quantia pelos padrões tradicionais de arrecadação eleitoral, mas uma quantia significativa em comparação com as somas que os candidatos em média arrecadaram no passado. Os democratas saíram vitoriosos em cinco dessas sete disputas escolhidas — fracassando apenas em Michigan e Colorado

(onde ganharam dois anos depois como parte do “*Colorado Miracle*”). O *Politico.com* viu o significado do *Secretary of State Project*, quando o descreveu como “um *firewall* administrativo” projetado, “na expectativa de uma eleição presidencial com tira-teima”, para proteger os interesses eleitorais dos democratas nos (...) mais importantes estados decisivos”<sup>13</sup>.

Uma beneficiária do financiamento do Projeto Secretário de Estado em 2006 foi a democrata Jennifer Brunner, de Ohio, que derrotou o desafeto do *Partido das Sombras*, o republicano Ken Blackwell. Brunner fez sua influência ser sentida de várias maneiras durante a corrida eleitoral de 2008. Ela decidiu, por exemplo, que os residentes de Ohio deveriam, durante o período designado de votação antecipada, que se estenderia do final de setembro ao início de outubro, ser permitidos a se registrarem e votarem no mesmo dia<sup>14</sup>. Brunner também procurou efetivamente invalidar muitos dos cerca de um milhão de solicitações de voto antecipado<sup>15</sup> por correio que a campanha do candidato presidencial republicano John McCain emitiu. Cada uma dessas solicitações foi impressa com um campo de seleção ao lado de uma declaração afirmando que o votante era um eleitor registrado. Em um esforço destinado a suprimir os votos à distância de eleitores republicanos, Brunner afirmou que, se um remetente não preenchesse os campos — mesmo que tenha assinado o formulário — o pedido poderia ser rejeitado (a Suprema Corte de Ohio subsequentemente revogou a diretiva de Brunner, alegando que ela não servia “a nenhum propósito vital ou interesse público”)<sup>16</sup>.

Outro beneficiário crucial no apoio do *Secretary of State Project* em 2006 foi o democrata Mark Ritchie, que derrotou um republicano eleito por dois mandatos em Minnesota. Ritchie reconheceu sua dívida com o SoSP quando disse: “Quero agradecer ao *Secretary of State Project* e seus milhares de doadores de base por ajudar a alavancar minha campanha para o topo”<sup>17</sup>. Um ex-coordenador de campo, com vínculos profundos

com a ACORN e com o extinto *New Party*<sup>18</sup> Ritchie, como Jennifer Brunner, teve um papel fundamental em 2008.

Quando o senador republicano, Norm Coleman, terminou com 725 votos à frente do rival democrata Al Franken, a pequena margem de vitória desencadeou uma recontagem automática. Com Ritchie no comando, a liderança de Coleman gradualmente diminuiu nas semanas seguintes como resultado do que o jornalista Matthew Vadum descreve como uma longa série de “irregularidades terríveis” que invariavelmente beneficiaram Franken. Por exemplo, durante o processo de recontagem, várias cédulas foram subitamente “descobertas” no carro de um juiz eleitoral; um condado de Minnesota igualmente “descobriu” 100 novos votos para Franken e alegou que um erro administrativo era responsável pelo fato de que eles não haviam sido contados anteriormente; outro município registrou 177 votos a mais do que havia registrado no dia da eleição; no entanto, outro condado relatou 133 votos a menos do que suas máquinas de votação originalmente haviam tabulado. “Quase toda vez que novas cédulas se materializavam, ou as contas eram atualizadas ou corrigidas, Franken era beneficiado”, escreve Vadum<sup>19</sup>. Além disso, pelo menos 393 criminosos condenados votaram ilegalmente em dois condados de Minnesota<sup>20</sup>. Quando a recontagem (e uma contestação judicial de Coleman) terminou em abril de 2009, Franken tinha uma liderança de 312 votos e em junho foi declarado oficialmente o vencedor<sup>21</sup>.

## NOTAS

---

1. Um influente sindicato Americano conhecido pelo forte apoio ao Partido Democrata (N. do T.).

2. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7342](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7342)

3. Ibidem.

4. [www.democraticunderground.com/discuss/duboard.php?az=-view\\_all&address=364X3176510](http://www.democraticunderground.com/discuss/duboard.php?az=-view_all&address=364X3176510)
5. Louis Jacobson, "New Organization to Push Liberal Measures", Roll Call, 23 de junho de 2005.
6. [www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf](http://www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1228145204.pdf);  
[www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7487](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7487)
7. [www.azsos.gov/info/duties.htm](http://www.azsos.gov/info/duties.htm)
8. Nos EUA há a possibilidade de adiantar o voto caso não for possível comparecer às urnas no dia da eleição (N. do T).
9. <http://spectator.org/archives/2008/11/07/sos-in-minnesota>
10. <http://spectator.org/archives/2008/11/07/sos-in-minnesota>
11. [www.usatoday.com/news/washington/2006-08-16-secretary-s-tatedemocrats\\_x.htm](http://www.usatoday.com/news/washington/2006-08-16-secretary-s-tatedemocrats_x.htm)
12. <http://spectator.org/archives/2008/11/07/sos-in-minnesota>
13. [www.poiitico.com/news/stories/1008/15105.html](http://www.poiitico.com/news/stories/1008/15105.html)
14. [www.cbsnews.com/stories/2008/09/28/politics/main4483617.shtml?](http://www.cbsnews.com/stories/2008/09/28/politics/main4483617.shtml?source=RSSattr=U.S._4483617)  
[source=RSSattr=U.S.\\_4483617](http://www.cbsnews.com/stories/2008/09/28/politics/main4483617.shtml?source=RSSattr=U.S._4483617)
15. De acordo com as leis dos Estados Unidos da América, o eleitor pode antecipar seu voto via correios, caso não possa comparecer a um posto eleitoral no último dia das eleições (N. do T.).
16. [www.dispatch.com/live/content/local\\_news/stories/2008/09/i2/payday13.html](http://www.dispatch.com/live/content/local_news/stories/2008/09/i2/payday13.html)
17. [www.startribune.com/politics/34306799.html?elr=KArks:D-](http://www.startribune.com/politics/34306799.html?elr=KArks:D-CiUHc3E7_V_nDaycUiD3aPc:_Yyc:aULPQL7PQLanch07DiU)  
[CiUHc3E7\\_V\\_nDaycUiD3aPc:\\_Yyc:aULPQL7PQLanch07DiU](http://www.startribune.com/politics/34306799.html?elr=KArks:D-CiUHc3E7_V_nDaycUiD3aPc:_Yyc:aULPQL7PQLanch07DiU)
18. <http://spectator.org/archives/2008/11/07/sos-in-minnesota>;  
<http://newzeal.blogspot.com/2010/11/mark-ritchie-file-2-min-nesota-sos.html>
19. <http://spectator.Org/archives/2009/04/14/fighting-frankenstein/print>

20. [www.usnews.com/opinion/blogs/peter-roff/2010/07/20/Al-Franken-May-Have-Won-His-Senate-Seat-Through-Voter-Fraud](http://www.usnews.com/opinion/blogs/peter-roff/2010/07/20/Al-Franken-May-Have-Won-His-Senate-Seat-Through-Voter-Fraud)

21. <http://tinyurl.com/6zelz9m>

# Soros e Obama

Com organizações como a *Democracy Alliance* e inovações eleitorais como o *Secretary of State Project* em andamento, o *Partido das Sombras* abordou a eleição presidencial de 2008 como uma organização focada e integrada nunca antes vista nos anais da política americana.

Ele foi capaz de usar a *Internet* para colocar as pessoas na rua; haviam *think tanks*, organizações de mídia e vários órgãos de captação de recursos construídos para funcionar sem problemas na nova realidade criada pela reforma do financiamento de campanha; tinha o programa de registro eleitoral mais sofisticado (e, para o outro lado, supressão de votos), já visto.

Era esperado por todos que Soros usaria o sistema sofisticado que ele criara para tomar o poder nos bastidores da candidatura de Hillary Clinton. Os dois tiveram um relacionamento de cerca de 15 anos, afinal, envolvendo uma visão em comum sobre a importância da socialização da medicina como forma de expandir o poder do governo e regular a vida social. Hillary começou as primárias, inclusive, como a favorita consensual na luta pela indicação do Partido Democrata. Mas em dezembro de 2006, Soros convocou Barack Obama, eleito para o Senado dos Estados Unidos apenas dois anos antes, para uma reunião em seu escritório em Nova York. Apenas algumas semanas depois — em 16 de janeiro de 2007, quando Obama anunciou que formaria um comitê presidencial experimental — Soros imediatamente enviou ao senador uma contribuição de US\$ 2.100, a quantia máxima permitida pelas novas leis de financiamento de campanha que ele tanto havia se empenhado em criar. Logo depois disso, Soros anunciou que apoiaria Obama e não Clinton para a indicação presidencial do Partido Democrata<sup>1</sup>.

Alguns membros do *establishment* ficaram surpresos pela atitude de Soros com uma velha amiga. Mas a escolha de Soros sempre foi ideológica, nunca pessoal. Obama não só compartilhava todos os valores de Soros, incluindo seu antagonismo com a Guerra do Iraque, mas também ganhou proeminência no universo de organizações de redes de esquerda que o *Partido das Sombras* havia criado. Comparado a Hillary Clinton, ele era a melhor escolha, um político que falava a língua de Soros e podia contar com a promoção das pautas extremistas que lhe eram tão queridas. A campanha de Obama foi logo montada, financiada e promovida pelo pessoal das forças que Soros havia inserido na infantaria do *Partido das Sombras*: os sindicatos de funcionários públicos de esquerda, os bilionários progressistas e os radicais da ACORN.

Algumas das pessoas que venderam Obama à América se mudaram para o mundo provinciano do ativismo de esquerda e de organização de base, surgindo de organizações como a *Midwest Academy*,<sup>2</sup> um importante centro de treinamento de militantes fundado pelos fanáticos veteranos dos anos 60, Heather e Paul Booth<sup>3</sup>, ex-membros do *Students for a Democratic Society*, que continuaram a luta nas ruas quando seus companheiros Billy Ayers e sua esposa Bernardine Dohrn, entraram na clandestinidade para lançar a campanha de terror Weatherman<sup>4</sup>. Os Booth escolheram uma forma mais gradual de revolução — cujas diretrizes foram estabelecidas nas teorias extremistas de Saul Alinsky<sup>5</sup>. A *Midwest Academy*, beneficiária de uma bolsa do *Open Society Institute* de Soros, foi uma das organizações em que Obama participou quando voltou para casa depois de se formar na *Harvard Law*<sup>6</sup>.

O futuro presidente também percorreu algumas das organizações mais conhecidas, abrigadas sob o guarda-chuva político do *Partido das Sombras*. A mais famosa — para se tornar a mais notória no primeiro ano da presidência de Obama — foi a ACORN<sup>7</sup>, apoiada durante anos pelo *Open Society Institute* de Soros e outros grupos do *Partido das*



*Sombras*".<sup>8</sup> Sua agenda, nas palavras de um crítico, era "redistributivismo anticapitalista", e um dos primeiros empregos de Obama foi fazer o registro de eleitores para o *Project Vote*, uma afiliada da ACORN<sup>9</sup>.

Na época, o presidente da SEIU, Andrew Stern, o *Center for American Progress* de John Podesta, e outras figuras importantes da rede de Soros sentavam-se no Conselho Consultivo da ACORN<sup>10</sup>. De sua parte, Obama, astutamente ascendendo aos píncaros do universo político da esquerda de Chicago, era o advogado dos principais casos de legislação eleitoral da ACORN antes de ingressar no legislativo de Illinois<sup>11</sup>. Em 1995, atuando como advogado da ACORN, Obama moveu uma ação para garantir a implementação de uma lei de autodefesa em Illinois<sup>12</sup>. Quando a ACORN oficialmente apoiou a candidatura presidencial de Obama em fevereiro de 2008, a campanha do candidato deu a um dos grupos da ACORN US\$ 800.000 para financiar uma campanha de registro de eleitores em nome do senador<sup>13</sup>. Em outubro, a ACORN estaria sob investigação por fraude de registro eleitoral em 13 estados<sup>14</sup>. Na campanha de 2008, seguindo a estratégia do *Partido das Sombras* para explorar o poder das instituições dentro de sua rede, a campanha presidencial de Obama forneceu ao *Project Vote* uma lista de doadores que já haviam dado à campanha a quantia máxima permitida por lei. Por sua vez, os representantes do *Project Vote* contataram os doadores e pediram-lhes que dessem contribuições para o *Project Vote*, que poderiam então usar para apoiar a candidatura de Obama, enquanto cumprem tecnicamente os limites da lei eleitoral sobre doações de campanha<sup>15</sup>. Nesse mesmo ano, o *Open Society Institute* deu ao *Project Vote* US\$ 400.000<sup>16</sup>.

Outro impulso para Obama veio da *MoveOn*. Essa poderosa organização afiliada a Soros despachou aproximadamente um milhão de voluntários para trabalhar na campanha de Obama em todo o país — 600.000 em estados decisivos e 400.000 nos estados restantes. Além disso,

a *MoveOn* registrou mais de meio milhão de jovens apoiadores de Obama para votar nos estados decisivos, acrescentando um milhão de jovens a suas listas de filiados durante o verão de 2008. Ao todo, a *MoveOn* e seus membros contribuíram com mais de US\$ 58 milhões diretamente para a campanha de Obama, ao mesmo tempo em que arrecadava e gastava pelo menos mais US\$ 30 milhões em medidas eleitorais independentes em nome de outros democratas nos Estados Unidos<sup>17</sup>.

## NOTAS

---

1. [www.businessweek.com/magazine/content/07\\_43/b4055047.htm](http://www.businessweek.com/magazine/content/07_43/b4055047.htm)
2. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6725](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6725)
3. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?Pin-did=i64i](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?Pin-did=i64i);  
[www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indId=2501](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indId=2501)
4. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?Pin-did=2169](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?Pin-did=2169)
5. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?Pin-did=2314](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?Pin-did=2314)
6. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6725](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6725)
7. [www.nationaireview.com/corner/171642/obama-acorn-cover/stanley-kurtz](http://www.nationaireview.com/corner/171642/obama-acorn-cover/stanley-kurtz)
8. [www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1225222922.pdf](http://www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1225222922.pdf)
9. [www.nationalreview.com/articles/print/249390](http://www.nationalreview.com/articles/print/249390)
10. <http://newsbusters.org/blogs/tom-blumer/2009/09/21/acorn-independentadvisory-council-member-stern-lets-loose-acorns-critic>
11. [www.nytimes.com/2008/10/11/us/politics/11acorn.html](http://www.nytimes.com/2008/10/11/us/politics/11acorn.html)
12. [www.nationaireview.com/artides/print/224610](http://www.nationaireview.com/artides/print/224610)

13. <http://tinyuri.com/4knn5r6>

14. [www.nationaireview.com/artides/225978/identification-requi-redderoy-murdock](http://www.nationaireview.com/artides/225978/identification-requi-redderoy-murdock)

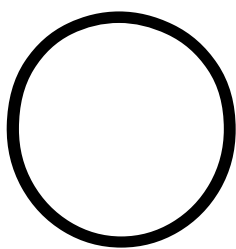
15. <http://tinyurl.com/6ymmba4>

16.

[http://dynamodata.fdncenter.org//990pf\\_pdf\\_archive/137/137029285/137029285\\_200812\\_990PF.pdf](http://dynamodata.fdncenter.org//990pf_pdf_archive/137/137029285/137029285_200812_990PF.pdf)

17. <http://techdailydose.nationaljournal.com/2008/11/obama-be-nefits-frommoveons-88.php>

***O Partido das  
Sombras na Casa  
Branca***



*Partido das Sombras* conseguiu realizar o sonho de Soros de colocar seu homem na Casa Branca. Com a posse de Obama, membros da coalizão de Soros começaram a assumir cargos de alto escalão na nova administração. Um que logo atraiu atenção indesejada foi um autoproclamado “comunista” chamado Van Jones, que passou seis meses como o “czar dos eco-empregos” do novo presidente, em 2009, antes de as revelações sobre seu histórico o obrigarem a renunciar e retornar à sua posição como membro do *Center for American Progress* de John Podesta<sup>1</sup>.

Antes de se juntar a Obama, Jones chefiava o *Ella Baker Center for Human Rights*, que recebeu mais de US\$ 1 milhão do *Open Society Institute* para defender que o sistema de justiça criminal norte-americano era racista e promover “alternativas à violência e ao encarceramento”<sup>2</sup>. Ao longo dos anos, Jones foi membro do conselho de várias organizações sem fins lucrativos financiadas pelo *Partido das Sombras*, incluindo o grupo ambientalista de extrema esquerda *Apollo Alliance*, que foi lançado pela *Tides Foundation*, ligada a Soros, e pelo *Center for American Progress* de Podesta<sup>3</sup>. Jones entendeu o recado do *Partido das Sombras*, pois muitas vezes incitou seus colegas de esquerda “a renunciar à satisfação barata da pose de comunista radical pela satisfação profunda de fins extremistas”<sup>4</sup>.

Uma figura chave no *Partido das Sombras* que entrava na Casa Branca de Obama pela porta da frente era o onipresente Andrew Stern, um veterano da Nova Esquerda que comandava a SEIU, a segunda maior organização trabalhista dos Estados Unidos. Treinado nas táticas de ativismo radical na *Midwest Academy*, Stern havia trabalhado com Soros para formar a *America Votes* para comandar a guerra eleitoral pelo

ingresso de Kerry-Edwards em 2004. Em 2008, o SEIU da Stern contribuiu com US\$ 60,7 milhões para ajudar a eleger Barack Obama para a Casa Branca — empregando 100.000 voluntários durante a campanha<sup>5</sup>. Em 30 de outubro de 2009, pouco mais de oito meses após a posse de Obama, o chefe do sindicato havia visitado a Casa Branca 22 vezes — mais do que qualquer outro indivíduo<sup>6</sup>.

Quase em todos os lugares em que se olhasse para a nova administração, os membros do círculo interno de Soros proliferaram. O principal estrategista e conselheiro presidencial, David Axelrod, que mais do que qualquer um era responsável pelas eleições de Obama, primeiro ao Senado e depois à presidência, recebeu mais de US\$ 200 mil para sua consultoria política durante as eleições de 2004 pelo *Media Fund* do *Partido das Sombras*.<sup>7</sup>

Carol Browner, nomeada por Obama como sua “czar do meio ambiente”, era membro do conselho da *Alliance for Climate Protection*, do *Center for American Progress* e da *League of Conservation Voters* — <sup>8</sup> todos financiados por Soros<sup>9</sup>. Anna Burger, do SEIU, chamada de “a mulher mais poderosa do movimento trabalhista” pela revista *Fortune* e vice-presidente da *Democracy Alliance*, foi nomeada para o Conselho Consultivo para Recuperação Econômica de Obama<sup>121</sup>. Kevin Jennings, que estabeleceu a *Gay, Lesbian and Straight Education Network* (GLSEN), uma organização da área de Boston financiada pelo *Open Society Institute*, foi nomeada de “czar da educação”<sup>10</sup>.

Com membros do *Partido das Sombras* desempenhando papéis centrais, a Casa Branca de Obama começou a implementar uma agenda ideológica logo após a posse, que envolveu muitas das pautas com a cara de George Soros.

## NOTAS

---

1. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2406](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2406).
2. [www.ellabakercenter.org/page.php?pageid=i9&contentid=151](http://www.ellabakercenter.org/page.php?pageid=i9&contentid=151).
3. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2406](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2406).
4. [www.nationalreview.com/articles/228741/alinsky-does-afgha-nistan/andrew-c-mccarthy](http://www.nationalreview.com/articles/228741/alinsky-does-afgha-nistan/andrew-c-mccarthy).
5. <http://artides.iatimes.com/2009/iun/28/nation/na-stern28>
6. [www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1259611404.pdf](http://www.capitalresearch.org/pubs/pdf/v1259611404.pdf)
7.  
[www.americanthinker.com/biog/2010/09/the\\_sorosaxeirod\\_axis\\_of\\_astro.html](http://www.americanthinker.com/biog/2010/09/the_sorosaxeirod_axis_of_astro.html); [www.politico.com/blogs/bensmith/0910/Axelrod\\_and\\_the\\_outside\\_groups.html](http://www.politico.com/blogs/bensmith/0910/Axelrod_and_the_outside_groups.html)
8. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2364](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2364)
9. [www.seiu.org/a/ourunion/anna-burger.php](http://www.seiu.org/a/ourunion/anna-burger.php); [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2445](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.asp?indid=2445)
10. [www.huffingtonpost.com/kevin-jennings](http://www.huffingtonpost.com/kevin-jennings); [www.discoverthene-tworks.org/individualProfile.asp?indid=2426](http://www.discoverthene-tworks.org/individualProfile.asp?indid=2426)

# Estimulo



P

oucos dias após a eleição de Obama; Soros declarou:

Acho que precisamos de um grande pacote de subsídios que forneça fundos para os governos estaduais e municipais manterem seus orçamentos — porque eles não têm a permissão da Constituição para incorrer em déficit. Para um programa como esse ser bem-sucedido, o governo federal precisaria fornecer centenas de bilhões de dólares. Além disso, outro programa de infraestrutura se faz necessário. No total, o custo seria de 300 a 600 bilhões de dólares (...)<sup>1</sup>.

Logo depois, como um dos primeiros atos de sua presidência, Obama pressionou o Congresso a aprovar uma monumental lei de estímulo econômico de US\$ 787 bilhões com um texto de 1.071 páginas que poucos legisladores, ou nenhum, leram antes de votar. Foi baseado no preceito da extrema esquerda de usar a crise social para criar mudanças radicais, que os grupos alinsqueanos do passado de Obama transformaram em um teorema e que o chefe de gabinete, Rahm Emanuel, transformou em um aforismo: “Você nunca quer que uma crise grave seja desperdiçada”<sup>2</sup>.

Foi, antes de tudo, uma recompensa para os principais elementos do *Partido das Sombras*, em particular os sindicatos do setor público, para permitir que permanecessem fortes para futuras eleições durante a crise financeira. Também estava lotado com projetos orçamentários que os democratas seriam incapazes de financiar por anos a fio. O estímulo foi uma tentativa inicial de transformar radicalmente o capitalismo americano, canalizando a ira popular em *Wall Street* para apoiar uma visão expansionista do estado de bem-estar baseada na “justiça social” — código da esquerda para uma redistribuição socialista da riqueza.

Obama enfatizou que era urgente aprovar a lei de estímulo o mais rápido possível, mesmo sem deliberação integral, a fim de impedir

qualquer dano à economia dos EUA. Por causa da atmosfera quase histórica que cercava a volátil economia, passou despercebido que o projeto de lei também revogou numerosos elementos essenciais do projeto de lei "*welfare reform*" de 1996, ao qual George Soros se opôs tão fortemente<sup>3</sup>. De acordo com um relatório da *Heritage Foundation*, 32% do novo pacote de estímulo — ou uma média de US\$ 6.700 em “uma nova avaliação de gastos assistenciais” para cada pessoa pobre nos EUA — foi destinado a programas de assistência social<sup>4</sup>. Tais níveis sem precedentes de gastos não incomodaram a Soros, que o justificou com a desacreditada doutrina keynesiana: “Em tempos de recessão, é altamente desejável administrar um déficit orçamentário”<sup>5</sup>.

## NOTAS

---

1. [www.spiegel.de/international/business/0,1518,592268,00.html](http://www.spiegel.de/international/business/0,1518,592268,00.html)

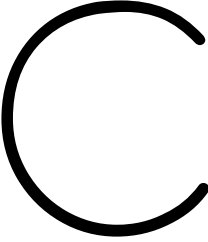
2. [www.youtube.com/watch?v=iyeA\\_kHHLow](http://www.youtube.com/watch?v=iyeA_kHHLow)

3. [http://articles.mcal1.com/1996-10-01/news/3126013\\_1\\_legal-immi-grants-welfare-reform-law-roosalind-gold](http://articles.mcal1.com/1996-10-01/news/3126013_1_legal-immi-grants-welfare-reform-law-roosalind-gold)

4. <http://tinyurl.com/4tno77e>

5. [www.spiegel.de/internationalbusiness/0,1518,592268,00.html](http://www.spiegel.de/internationalbusiness/0,1518,592268,00.html)

# **Meio Ambiente e Energia**

 *cap-and-trade*,<sup>1</sup> a proposta econômica de Obama para reduzir o consumo de combustíveis fósseis dos americanos, foi uma estratégia que havia sido discutida e aperfeiçoada nas organizações sem fins lucrativos associadas ao *Partido das Sombras*. Sob os regulamentos de *cap-and-trade*, as empresas estariam sujeitas a impostos ou taxas se excedessem o limite imposto pelo governo para as emissões de CO<sup>2</sup>. Alguns economistas previram que tal legislação, se promulgada, imporia custos colossais aos negócios — custos que seriam repassados aos consumidores, que por sua vez pagariam de centenas a milhares de dólares extras a cada ano em custos de energia<sup>3</sup>. Mas para Soros, o dinheiro dos contribuintes seria bem gasto em tal política. “Lidar com o aquecimento global exigirá muito investimento”, enfatizou ele, e assim “será doloroso”, mas “pelo menos” permitirá à humanidade ‘sobreviver e não cozinhar’<sup>4</sup>. Quando perguntado em 2008 se ele estava propondo políticas energéticas que “criariam um novo paradigma para o modelo econômico do país, e no mundo”, Soros respondeu: “Sim”<sup>5</sup>.

Durante sua campanha presidencial de 2008, Obama teve um momento comparável de franqueza:

*Em meu plano de um sistema de cap-and-trade, as taxas de eletricidade necessariamente subiriam vertiginosamente. Mesmo independentemente do que eu diga sobre se o carvão é bom ou ruim. Porque eu estou limitando gases de efeito estufa, usinas de carvão, você sabe, gás natural, e por aí vai, quaisquer que fossem as plantas, qualquer que fosse a indústria, elas teriam que melhorar suas atividades*<sup>6</sup>.

O principal motivo subjacente às políticas de comércio de capital apoiadas por Obama e Soros foi articulado pelo “czar da regulamentação” de Obama, Cass Sunstein<sup>7</sup>, professor de direito esquerdista e defensor de longa data da “justiça distributiva”; segundo ele os Estados Unidos transfeririam grande parte de sua riqueza para nações mais pobres como compensação pelo suposto dano que as transgressões ambientais dos EUA causaram nesses países. Em uma linguagem que ecoa os próprios pronunciamentos de Soros, Sunstein especula que a “redistribuição desejável” pode ser “realizada de maneira muito mais eficaz por meio de políticas climáticas do que por meio de assistência estrangeira direta”<sup>8</sup>.

## NOTAS

---

1. "Limite e comercialização", diz respeito ao limite imposto para emissão de gases e a possibilidade de comercializar licenças para novas emissões (N. do T.).

2. [www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=826](http://www.discoverthenetworks.org/viewSubCategory.asp?id=826)

3. [www.heritage.org/Research/RepOrts/2007/12/Beware-Of-Capand-Trade-Climate-Bills](http://www.heritage.org/Research/RepOrts/2007/12/Beware-Of-Capand-Trade-Climate-Bills)

4. [http://keywiki.org/index.php/George\\_Soros\\_-\\_Political/Financial\\_Stances](http://keywiki.org/index.php/George_Soros_-_Political/Financial_Stances)

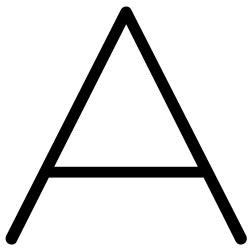
5. Ibidem.

6. <https://gop.com/obamas-dream-energy-plan-electricity-rates-would-necessarily-skyrocket/>

7. [www.discoverthenetworks.org/individualProfile.aspFin-did=2422](http://www.discoverthenetworks.org/individualProfile.aspFin-did=2422)

8. [www.wnd.com/index.php?fa=PAGEview&pageId=112243](http://www.wnd.com/index.php?fa=PAGEview&pageId=112243)

# **Assistência Médica**



assistência médica socializada continuou a ocupar lugar de destaque na agenda de Soros nos anos seguintes à derrota do *Mil-laryCare* e à incapacidade de seu *Project on Death* ganhar força. Os serviços de saúde também estavam no topo da agenda de Obama, tão no topo que ele se concentrou nisso em vez da economia em recessão, de uma forma que intrigou os observadores políticos que não conseguiram avaliar a natureza ideológica do novo governo. Durante o debate político sobre *ObamaCare* em 2009 e 2010, uma das mais influentes coalizões pró-reforma apoiando o presidente foi a *Health Care for America Now* (HCAN) criada por Soros, uma vasta rede de organizações que apoiam um modelo no qual o governo federal estaria encarregado de financiar e administrar todo o sistema de saúde dos EUA<sup>1</sup>.

A estratégia do HCAN tornou-se a estratégia do governo Obama: tentar implementar tal sistema, que acabaria por culminar no controle do governo como o “único ordenante”, gradualmente — em outras palavras, um sistema socialista completo. O caminho para essa “solução” seria pavimentado por uma “opção pública” — uma agência de seguros do governo para “competir” com as seguradoras existentes, de modo que os americanos “deixariam de estar à mercê da indústria de planos de saúde privados”<sup>2</sup>. Como tal agência não precisaria lucrar para permanecer no mercado, e porque poderia taxar e regular seus concorrentes privados da maneira que quisesse, essa “opção pública” inevitavelmente forçaria as seguradoras privadas a sair da indústria e deixaria o governo como a única alternativa. Foi uma implementação perfeita da estratégia gradualista do mentor de extrema esquerda de Obama, Saul Alinsky, que aconselhava uma espécie de abordagem no estilo “homeopático” que ocultava a intenção [da esquerda] radical, ao mesmo tempo em que avançava ao

máximo as políticas viáveis na ocasião (a opção pública foi retirada da regulamentação final porque colocava em risco a aprovação do projeto no Senado dos EUA; mas permaneceu como o que os estrategistas do *ObamaCare* chamaram de “próximo passo futuro” na federalização dos serviços de saúde).

Em agosto de 2009, com o *ObamaCare* criando uma resistência popular generalizada, Soros deu outros US\$ 5 milhões para o HCAN promover a campanha do governo e ajudar a aprovar a regulamentação cada vez mais impopular<sup>3</sup>.

## NOTAS

---

1. <http://tinyuri.com/4h9rd6w>

2. [http://healthcareforamericanow.org/site/content/about\\_us/](http://healthcareforamericanow.org/site/content/about_us/)

3. <http://tinyurl.com/66xml6f>



# **Punindo Israel**

**S**e *ObamaCare* é a regulamentação doméstica que é a cara de George Soros, a crescente linha dura do governo em relação a Israel é o avanço da política externa que mais reflete a visão de mundo de Soros além de Washington. As próprias atitudes ambivalentes de Soros em relação a ter sido um judeu à beira do Holocausto, quando ele era criança, logo se transformaram numa hostilidade total ao Estado judeu. Assim como ele entendeu que as políticas americanas haviam provocado a *jiḥād* antiamericana e os ataques de 11 de setembro, ele via Israel como a principal fonte de antissemitismo. Ele se referiu ao conflito de Israel com os palestinos como um caso das “vítimas que estão se tornando agressores”<sup>1</sup>. Ignorando o apelo terrorista do Hamas para matar os judeus e varrer Israel da face da terra, Soros argumentou que a chave para uma paz no Oriente Médio é trazer o Hamas “para o processo de paz”<sup>2</sup>.

As opiniões de Soros sobre o Oriente Médio ecoam em um grupo de ativismo do Oriente Médio que ele idealizou e financiou em 2008, chamado *J Street*.<sup>3</sup> Como outros grupos de Soros, a *J Street* pretende combater o que ele considera uma organização “conservadora” maligna, neste caso o Comitê de Assuntos Públicos dos EUA (AIPAC), no qual cerca de 80% dos membros são democratas, mas não o tipo de democrata que Soros prefere.

A *J Street* pediu “uma nova diretriz para a política americana no Oriente Médio” e advertiu Israel a ser pouco combativo contra o Hamas, alegando que este “tem sido o governo, a lei e a ordem, e o provedor de serviços [em Gaza] desde que ganhou as eleições em janeiro de 2006 e especialmente desde junho de 2007, quando obteve o controle total”<sup>4</sup>. O Hamas também lançou mais de 8.000 ataques de foguetes não provocados

em cidades israelenses e pátios de escolas no mesmo período de tempo<sup>5</sup>. De acordo com a *J Street*, o conflito no Oriente Médio é perpetuado principalmente por Israel: "Os assentamentos de Israel nos territórios ocupados foram, por mais de quarenta anos, um obstáculo para a paz"<sup>6</sup>.

Esses posicionamentos marcam uma ruptura com 60 anos de política americana em relação a Israel e são amplamente indistinguíveis dos da Casa Branca de Obama. Obama sinalizou sua conformidade com as agendas da *J Street* quando enviou seu então conselheiro de segurança nacional, James Jones, para proferir o discurso principal na conferência anual da organização em outubro de 2009<sup>7</sup>.

Sabendo que seus comentários sobre Israel o tornaram controverso na comunidade judaica, Soros inicialmente tentou esconder do público seu apoio à *J Street* por temer que isso pudesse alienar outros possíveis patrocinadores da organização. Mas em setembro de 2010, o *The Washington Times* penetrou o véu, revelando que entre 2008 e 2010, Soros e seus dois filhos — Jonathan e Andrea — doaram US\$ 750 mil para a *J Street* e que o Conselho Consultivo da organização inclui um número de pessoas muito próximas a ele<sup>8</sup>.

Quando as manifestações do Cairo<sup>9</sup> eclodiram em fevereiro de 2011 e Obama vacilou quando Mubarak tentou se manter no poder, Soros prontificou-se a dar ao presidente um sinal para minar o desagradável aliado da América por 40 anos e abrir a porta à Irmandade Muçulmana, um culto *jihadista* que gerou 12 organizações terroristas, incluindo a al-Qaeda e o Hamas<sup>10</sup>.

Em um editorial do *Washington Post* escrito durante os estágios iniciais dos protestos, Soros escreveu: "O presidente Obama e os Estados Unidos como país têm muito a ganhar ao se intrometer (...) abriria o caminho para o progresso pacífico na região. A cooperação da Irmandade Muçulmana com Mohamed El Baradei, o Prêmio Nobel que busca

concorrer à presidência, é um sinal esperançoso de que pretende desempenhar um papel construtivo em um sistema político democrático (...). O principal obstáculo é Israel (...). Felizmente, Obama não está em dívida com a direita religiosa, que realizou uma autêntica *vendetta* contra ele. [E] o *American Israel Public Affairs Committee* não é mais o único representante da Comunidade judaica" (...) <sup>11</sup>.

## NOTAS

---

1. A referência a esta nota se encontra ilegível no original.
2. KOENEN, Krisztina; SOROS, George; WIEN, Byron, *Soros on Soros: Staying Ahead of the Curve*, John Wiley and Sons: New Jersey, NJ, 1995, p. 241.
3. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7458](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=7458)
4. <http://tinyuri.com/4mehpus>
5. <http://idfspokesperson.com/2009/01/03/rocket-statistics-3-jan-2009/>
6. [www.jstreet.org/page/settlements](http://www.jstreet.org/page/settlements)
7. <http://frontpagemag.com/2009/12/30/blaming-israel-first-by-p-davidhornik/>
8. [www.washingtontimes.com/news/2010/sep/24/soros-funder-liberal-jewish-american-lobby/](http://www.washingtontimes.com/news/2010/sep/24/soros-funder-liberal-jewish-american-lobby/);  
[http://jstreet.org/supporters/advisory\\_council/](http://jstreet.org/supporters/advisory_council/)
9. Um breve resumo dos acontecimentos no Cairo no que se refere apenas às manifestações citadas pelo autor pode ser encontrado aqui:  
[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110202\\_egito\\_qa\\_rp](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110202_egito_qa_rp) (N. do E.).
10. [www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6386](http://www.discoverthenetworks.org/groupProfile.asp?grpId=6386)
11. [www.georgesoros.com/artides-essays/entry/why\\_obama\\_has\\_to\\_get\\_egypt\\_right](http://www.georgesoros.com/artides-essays/entry/why_obama_has_to_get_egypt_right)

## Conclusão

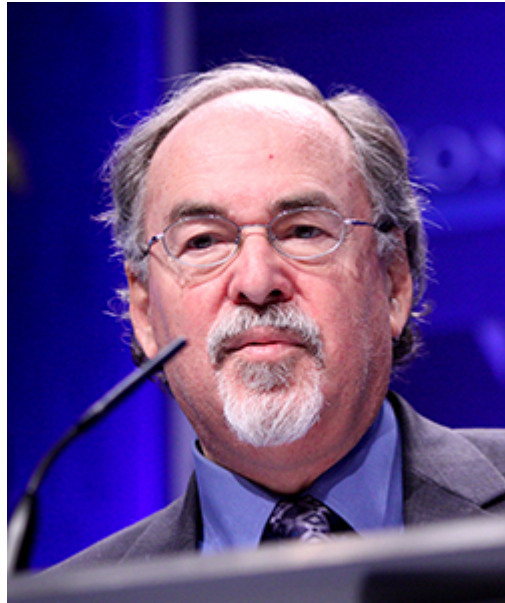
Se George Soros fosse um bilionário solitário, ou se o *Partido das Sombras* consistisse em alguns bilionários descontentes, esses fatos e conquistas não seriam tão sinistros. Mas o *Partido das Sombras* é muito mais do que um reflexo dos preconceitos de um interesse especial ou de uma geração passageira. O *Partido das Sombras* uniu as forças da extrema esquerda e "progressista" ao expulsar os moderados da coalizão do Partido Democrata. O *Partido das Sombras* é a atual encarnação de um movimento socialista que está em guerra com a economia de livre mercado e o sistema político baseado na liberdade e nos direitos individuais há mais de duzentos anos

É um movimento que aprendeu a esconder seu objetivo final, que é um Estado totalitário, na sedutora retórica do "progressivismo" e da "justiça social". Mas sua determinação em equalizar resultados, seu zelo pelo poder estatal e pelo controle governamental como solução para os problemas sociais e seu antagonismo com os EUA como defensores da liberdade são os sinais de um movimento radical cuja agenda é mudar fundamentalmente e inalteravelmente a maneira como os americanos viveram.

*Os autores gostariam de agradecer a Adam Schrager e Rob Witwer, autores do livro *The Blueprint: How the Democrats Won Colorado*, por seus esclarecimentos preciosos acerca do "milagre do Colorado".*

***Non nobis,  
Domine***

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA SPRESS EM THEANTIQUA E IMPRESSA SOBRE PAPEL AVENA PELA  
DAIKO GRÁFICA PARA A EDITORA ARMADA EM JULHO DE **2018**



*David Horowitz nasceu em 1939. Foi fundador da "Nova Esquerda" durante sua juventude na década de 60, mas rompeu com o esquerdismo quando uma amiga foi vítima do radicalismo do movimento, fato relatado em sua autobiografia *The Radical Son*. Desde então é um dos principais agentes do movimento conservador americano, responsável pelo think tank *David Horowitz Freedom Center*, de fomento aos valores de liberdade e independência acadêmica. Também é estrategista político (*The Art of Political War*) e autor de dezenas de livros, um dos mais recentes, uma enciclopédia da esquerda americana, o *The Black Book of American Left*.*



*John Perazzo é articulista da Frontpage Mag, editor do site DiscoverTheNetworks.org e coautor de outros quatro livros em parceria com David Howoritz.*

Como avisou Baudelaire, “o truque mais insidioso do demônio é fingir que não existe”. O mais poderoso, rico e influente ativista do mundo, que derruba regimes e elege presidentes, que dá o tom das mais importantes discussões da opinião pública mundial atual, é raramente discutido, escrutinado ou investigado. Não é distração.

Para realizar esta obra obrigatória, que joga luz nos tentáculos quase onipresentes do especulador, ninguém melhor que David Horowitz, um dos gigantes intelectuais e morais da atualidade, com a prestimosa ajuda de John Perazzo, seu parceiro em “*Discover the Networks*”, o mais importante projeto sobre as redes que suportam os movimentos de esquerda no mundo.

Sem entender Soros, é impossível ter a mais remota ideia da política das últimas décadas e das próximas.

**ALEXANDRE BORGES**

**Estrategista político, colunista e diretor do Instituto Liberal**

